

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JONAS FERREIRA COSTA E SILVA

NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE: A
REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA NEGRA DO BRASIL NAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS

São Luís – MA

2024

JONAS FERREIRA COSTA E SILVA

**NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE: A REPRESENTAÇÃO
DA HISTÓRIA NEGRA DO BRASIL NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de História Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do grau de licenciamento em História Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Júlia Constança Pereira Camêlo

São Luís – MA

2024

Silva, Jonas Ferreira Costa e.

Narrativas de resistência e identidade: a representação da história negra do Brasil nas histórias em quadrinhos. / Jonas Ferreira Costa e Silva. – São Luís, 2024.

81f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Júlia Constança Pereira Camêlo.

1. História em Quadrinhos. 2. Negros. 3. Estereótipos. 4. Educação. I. Título.

CDU 070.449.8:37(=414)

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837

JONAS FERREIRA COSTA E SILVA

**NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA
HISTÓRIA NEGRA DO BRASIL NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de História
Licenciatura da Universidade
Estadual do Maranhão, para
obtenção do grau de licenciamento
em História.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a. Júlia Constança Pereira Camêlo – Orientadora
Universidade Estadual do Maranhão

Professor (a) Bianca Trindade Messias
Universidade Federal do Maranhão

Professor (a) Raissa Gabriela Vieira Cirino
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado até aqui.

Agradeço a minha mãe que sempre fez tudo que pôde para me manter na graduação.

Agradeço aos grandes amigos que fiz durante o curso e estiveram comigo nos melhores e me acolheram nos piores momentos da graduação, em especial: Marcela Nascimento, Bianca Oliveira Van Joseph Rodrigues, Lucenildo Holanda, Silviney Amaral e Pedro Hugo Ramos.

Agradeço a minha orientadora, a professora Júlia Constança Pereira Camêlo, que me estendeu a mão quando eu precisei e me mostrou o valor nosso patrimônio cultural. Levarei seus ensinamentos para a vida.

A esta instituição, seu corpo docente, trabalhadores e administração do curso.

A todos que me ajudaram direta e indiretamente durante a graduação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Esta monografia apresenta uma pesquisa bibliográfica para identificar histórias em quadrinhos que abordam a história negra e selecionar uma amostra representativa de quadrinhos que inclua diferentes gêneros, estilos e períodos. Após a seleção das obras uma análise documental foi realizada, com a intuito de identificar elementos relacionados à representação da história negra. O presente trabalho mostra o processo de popularização das histórias em quadrinhos no Brasil e no mundo, o surgimento de Marvel e DC Comics, da primeira revista em quadrinhos brasileira e a importância de Angelo Agostini para a criação de quadrinhos brasileiros. Tendo como foco investigar como a história negra é representada nas histórias em quadrinhos, abrangendo diferentes períodos históricos, como período pós abolição e o contexto contemporâneo. A pesquisa investiga o processo de inserção dos Gibis no mercado editorial brasileiro, destaca o papel do Movimento Negro na resistência contra a estrutura racista no Brasil, mostra como o negro era retratado nesse contexto e evidencia que a forma que o negro é visto socialmente resultaram em quadrinhos que ajudaram a moldar o imaginário coletivo brasileiro. O Trabalho apresenta obras contemporâneas que podem servir como uma importante ferramenta educacional para a desconstrução de estereótipos, além de reforçar a necessidade contínua de promover uma representação diversificada e inclusiva na cultura, reconhecendo que as histórias em quadrinhos desempenham um papel vital na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: história em quadrinhos, negros, estereótipos, educação.

ABSTRACT

This monograph presents a bibliographical survey to identify comics that deal with black history and to select a representative sample of comics that include different genres, styles and periods. After selecting the works, a documentary analysis was carried out in order to identify elements related to the representation of black history. This work shows the process of popularization of comics in Brazil and around the world, the emergence of Marvel and DC Comics, the first Brazilian comic book and the importance of Angelo Agostini for the creation of Brazilian comics. It focuses on investigating how black history is represented in comics, covering different historical periods, such as the post-abolition period and the contemporary context. The research investigates the process of inserting comic books into the Brazilian publishing market, highlights the role of the Black Movement in resisting the racist structure in Brazil, shows how black people were portrayed in this context and shows that the way black people are seen socially has resulted in comics that have helped shape the Brazilian collective imagination. The work presents contemporary works that can serve as an important educational tool for deconstructing stereotypes, as well as reinforcing the ongoing need to promote a diverse and inclusive representation in culture, recognizing that comics play an important role in this process.

Keywords: comics, black people, stereotypes, education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O menino Amarelo	16
Figura 2:capa de Superman #1 (1939).....	16
Figura 3: Trecho do livro ‘Monsieur Jabot’, considerada a primeira HQ publicada no mundo, de Rodolphe Topffer.	17
Figura 4: primeira aparição da Mulher maravilha (1941)	18
Figura 5: capa da HQ ‘Capitain américa comics’ (1941) n°1.....	18
Figura 6: Mulher Maravilha era tratada apenas como uma secretária nas primeiras aparições na HQ da sociedade da Justiça da América	19
Figura 7:primeira edição da revista detective Comics (1937).....	20
Figura 8: Detective Comics #27, a primeira aparição do batman. (1939).20	
Figura 9: Action Comics #01, a primeira aparição do Superman (1938) ..	21
Figura 10: evolução dos logos da DC Comics.....	22
Figura 11: Imagem de Janette Khan, histórica chefe da Warner.....	22
Figura 12:evolução dos logos da Marvel	24
Figura 13:capa da Marvel Comics #1 (1939).....	24
Figura 14: aparição de Stan Lee no filme homem aranha 3.....	25
Figura 15: trecho da HQ “As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte” (1869)	27
Figura 16: anuncio da publicação HQ “Aventuras de Nhô Quim” feita pela revista fluminense	27
Figura 17: Logo da revista O tico-tico feito por Angelo D'agostini.	28
Figura 18: capa da última edição da revista O Tico Tico.....	28
Figura 19: Imagem de Angelo D'agostini.....	29
Figura 20: Anúncio de um escravizado publicado no Diário de Pernambuco em 1830, em que anuncia: “vende-se por [ser] fujão”. O termo “ladino” significava que, apesar de o escravo ser africano, ele já dominava o idioma e os costumes locais...31	
Figura 21: Matéria do Jornal Gazeta de Notícia anunciando a extinção da escravidão no Brasil	38
Figura 22: Capa da cartilha Expressões racistas: como evitá-las, publicada pelo TSE.....	39

Figura 23: logo da revista de quadrinhos brasileira Gibi.....	39
Figura 24: Lothar, o primeiro personagem negro a ter destaque nos quadrinhos americanos	40
Figura 26: primeira aparição do Pantera negra em uma HQ da Marvel (1961).....	41
Figura 25: Da direita para a esquerda –as mudanças no desenho do personagem Jeremias.....	41
Figura 27: capa da revista Pererê, 1960	41
Figura 28: trecho da edição de nº 52 da HQ Fantastic Four.	41
Figura 29: capa da revista Jungle Action (1975)	42
Figura 30: primeira aparição de Tempestade, em Giant Size X-men (1975)	42
Figura 31: Lanterna Verde (1972)	44
Figura 32: trecho da capa da HQ Captain America and the Falcon (1971)	44
Figura 33:capa da primeira edição da HQ Captain America, a primeira vez que Sam Wilson usou o manto.....	45
Figura 34: imagem de Giby, personagem da revista O Tico-tico.....	46
Figura 35: o Pererê.....	47
Figura 37: primeira aparição de Jeremias nos quadrinhos.....	48
Figura 36: capa da revista Zaz Traz (1960).....	48
Figura 38: capa da revista Bidu (1960).....	49
Figura 39: imagem de padre Arlindo Vieira	51
Figura 41: capa da HQ Angola Janga (2018)	56
Figura 40: capa da HQ Cumbe (2014)	56
Figura 42: Capa da HQ sobre a biografia de Joao Candido.....	58
Figura 43: publicação de anúncio do enredo da escola de samba Paraíso do Tuiuti	59
Figura 44: capa da HQ Aya de yopougon	60
Figura 45: imagem da autora Marguerite Abouet.....	60
Figura 46: capa da HQ Zumbi dos palmares.....	61
Figura 47: Imagem do autor Marcelo D'salete.....	62
Figura 48: capa da HQ Mukanda Tiodora	63

Figura 49: Capa da HQ encruzilhada	63
Figura 50: Capa da HQ A província negra	65
Figura 51: Capa da HQ A Revolta de Búzios	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: A CRIAÇÃO E A POPULARIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	16
1.1 As origens de Marvel e DC Comics.....	20
1.2 A origem das histórias em quadrinhos no Brasil	27
1.3 Quem foi Angelo Agostini?	29
CAPÍTULO 2: A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA..	31
2.1 A PRESENÇA NEGRA NOS QUADRINHOS.....	37
2.2 PERSEGUIÇÃO, CENSURA E A NACIONALIZAÇÃO DOS QUADRINHOS	50
CAPÍTULO 3: A IMPORTÂNCIA DAS NOVAS HQs NA EDUCAÇÃO	54
3.1 A Nova geração de HQs sobre a História Negra.....	62
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
6. ANEXOS	79

INTRODUÇÃO

A representação da história negra do Brasil é um elemento vital para a compreensão da identidade e da cultura de uma nação cuja riqueza está profundamente enraizada em sua diversidade étnica e histórica. Desde os primeiros dias da colonização até os tempos contemporâneos, a população negra desempenhou um papel significativo na formação do Brasil, contribuindo com suas tradições, lutas e conquistas para a construção dessa sociedade multifacetada. No entanto, a forma como essa história é transmitida, interpretada e celebrada na cultura popular, incluindo nas histórias em quadrinhos, permanece um terreno fértil para investigação crítica e reflexão.

As histórias em quadrinhos, como meio de comunicação visual e narrativa, ocupam um lugar distinto na cultura contemporânea. Combinando elementos visuais e textuais, as HQs têm a capacidade única de contar histórias de maneira acessível e envolvente. Elas transcendem barreiras linguísticas e educacionais, atingindo um público amplo e diversificado. Portanto, as histórias em quadrinhos têm o potencial de desempenhar um papel fundamental na disseminação da história negra do Brasil, na promoção da diversidade cultural e na conscientização sobre questões raciais.

Esta pesquisa se propõe a explorar de maneira crítica a representação da história negra do Brasil nas histórias em quadrinhos brasileiras. Ao fazê-lo, busca-se compreender como essas narrativas visuais abordam temas de resistência, identidade e cultura afro-brasileira, bem como como contribuem para a construção da identidade individual e coletiva da população negra no país.

O objetivo é investigar não apenas como personagens negros são retratados, mas também como essas representações contribuem para moldar narrativas culturais, promover a resistência, desafiar estereótipos e educar o público sobre a história negra do Brasil.

Em última análise, monografia aspira a contribuir para um entendimento mais profundo e significativo da importância das histórias em quadrinhos como veículos de expressão cultural e ferramentas educacionais, bem como para uma apreciação mais completa e respeitosa da história negra do Brasil. À medida que exploramos as

narrativas de resistência e identidade presentes nas páginas das HQs, abrimos portas para conversas enriquecedoras sobre igualdade racial, justiça social e inclusão cultural em uma sociedade que se esforça para valorizar e celebrar sua diversidade.

O problema central que esta pesquisa busca abordar é: Como a história negra do Brasil é representada nas histórias em quadrinhos brasileiras, e de que forma essas representações contribuem para a construção da identidade e resistência da população negra no país? Este questionamento é essencial para compreender o papel das histórias em quadrinhos na promoção da diversidade cultural, educação e conscientização sobre a história negra, bem como para destacar os desafios e oportunidades presentes na representação deste tema em um meio tão influente como a cultura popular contemporânea.

Através deste trabalho, analisamos as representações da história negra nas histórias em quadrinhos, e avaliamos o impacto dessas representações na construção da identidade e na promoção da resistência cultural da comunidade negra. A seguir, apresentaremos a estrutura e metodologia deste estudo, delineando os principais tópicos que serão explorados para cumprir os objetivos desta pesquisa.

O presente trabalho apresenta a realização de uma pesquisa bibliográfica para identificar histórias em quadrinhos que abordam a história negra. E selecionar uma amostra representativa de quadrinhos que inclua diferentes gêneros, estilos e períodos. Após a seleção das obras uma análise documental foi realizada, com a intuito de identificar elementos relacionados à representação da história negra.

A representação da história negra do Brasil nas histórias em quadrinhos é um tema de extrema relevância, uma vez que aborda questões fundamentais de identidade, cultura e resistência de um segmento significativo da sociedade brasileira. Há diversas razões pelas quais este trabalho de pesquisa é justificável e valioso:

Promoção da Diversidade e Inclusão: O Brasil é uma nação multicultural e multirracial, com uma rica história de contribuições da população negra para a formação do país. Entretanto, muitas vezes essas contribuições são sub-representadas ou distorcidas na cultura popular, incluindo os quadrinhos. A pesquisa sobre a representação da história negra nas HQs pode contribuir para a promoção da

diversidade e inclusão, ajudando a corrigir estereótipos prejudiciais e ampliar a compreensão da riqueza da cultura afro-brasileira.

Compreensão da História e Identidade: As histórias em quadrinhos têm um poder único de transmitir informações históricas e culturais de maneira acessível e envolvente. Ao analisar como a história negra é retratada nas HQs, podemos compreender melhor como a identidade afro-brasileira é construída e como as narrativas de resistência moldaram a história do país.

Educação e Conscientização: As histórias em quadrinhos são uma ferramenta educacional eficaz, especialmente entre os jovens. Ao explorar como as HQs representam a história negra do Brasil, esta pesquisa pode fornecer-nos insights sobre como usar essa mídia para educar e conscientizar as pessoas sobre questões de igualdade racial e justiça social.

Impacto Social e Cultural: As representações na mídia, incluindo os quadrinhos, têm um impacto significativo na formação de opinião e no comportamento da sociedade. Compreender como os quadrinhos contribuem para a percepção pública da história negra do Brasil pode ajudar a abordar preconceitos e promover um diálogo mais inclusivo e informado sobre questões raciais.

Contribuição para o Campo Acadêmico: A pesquisa sobre a representação da história negra nas HQs brasileiras preenche uma lacuna na literatura acadêmica e enriquece o campo de estudos culturais, oferecendo uma nova perspectiva sobre a cultura e a história afro-brasileira.

Portanto, este trabalho se justifica pela capacidade de promover a compreensão, a inclusão e a conscientização sobre a história negra do Brasil, além de contribuir para a expansão do conhecimento acadêmico sobre as representações culturais nas histórias em quadrinhos.

Este trabalho também tem como objetivo analisar as Representações Históricas: Investigar como a história negra é representada nas histórias em quadrinhos, abrangendo diferentes períodos históricos, como a escravidão, a abolição, a era pós-abolição e o contexto contemporâneo.

Além de identificar personagens e autores relevantes: Identificar personagens negros significativos e quadrinista brasileiros que se destacaram na criação de

narrativas de resistência e identidade, e analisar suas contribuições para o meio das histórias em quadrinhos. Investigar o uso das histórias em quadrinhos como ferramentas educacionais para promover a conscientização sobre a história negra do Brasil, especialmente em ambientes escolares. E analisar quadrinhos de diversos gêneros e estilos: explorar quadrinhos de diferentes gêneros e estilos, incluindo super-heróis, histórias autobiográficas, ficção histórica e outros, para examinar como a história negra é representada de maneira diversificada.

A monografia está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo trata sobre a criação das histórias em quadrinhos voltando até a HQ “monsieur jabot”, publicada em 1883. Logo em seguida é dado um foco maior a popularização dos quadrinhos no mundo e para fazer isso há uma breve amostra da história da fundação de Marvel e DC Comics, as duas maiores editoras de quadrinhos no mundo.

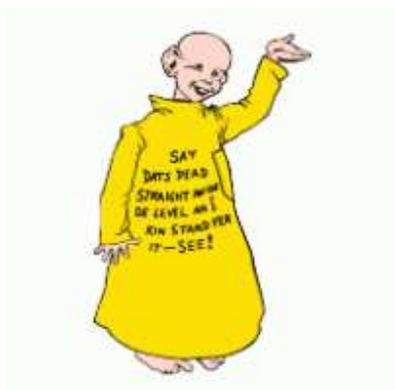
Ainda nesse primeiro capítulo é mostrado qual é a primeira história em quadrinhos brasileira, além de apresentar Angelo Agostini, sua importância e controvérsias.

O segundo capítulo tem como foco a representação do negro na sociedade brasileira, além de tratar da representação negra nos quadrinhos, apresentando diversas obras e mostrando como o Movimento Negro resistiu no período pós-abolição e lutou contra a estrutura racista do Brasil. O capítulo também mostra os conflitos que ocorreram no mercado editorial brasileiro de quadrinhos: perseguição política, censura e nacionalização dos quadrinhos.

No terceiro capítulo acontece uma discussão a respeito da influência dos avanços educacionais promovidos pela LDB e pela lei 10.639/03 no aumento da produção de HQs sobre a história negra no Brasil. Em seguida, são apresentadas diversas obras criadas após a inserção da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar. O trabalho como um todo mostra obras de inúmeros gêneros para mostrar que os quadrinhos podem ser uma importante ferramenta educacional e multidisciplinar.

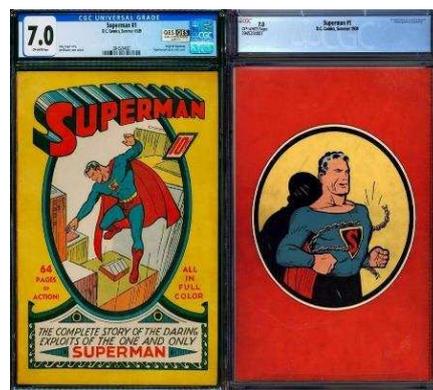
CAPÍTULO 1: A CRIAÇÃO E A POPULARIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Figura 1: O menino Amarelo



Fonte: SeekLogo, 2024.

Figura 2: capa de Superman #1 (1939)



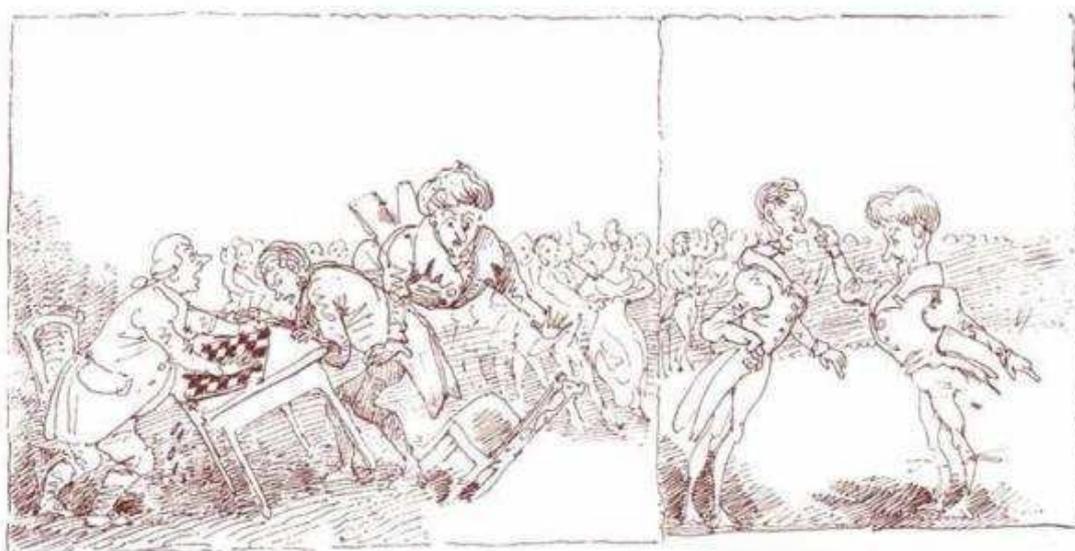
Fonte: Olhar digital, 2021

The Yellow Kid, o menino amarelo (figura 1) é considerada a primeira História em quadrinhos moderno. Ela foi lançada no ano de 1895 pelo ilustrador americano Richard Outcault. De acordo com Silva (2024) o autor Álvaro Moya afirmou que “a linguagem das HQs, com a adoção de um personagem fixo, ação fragmentada em quadros e balões de texto, surgiu nos jornais sensacionalistas de Nova York com o Yellow Kid”.

O uso dos balões marcaram uma época e por isso “The Yellow Kid” é considerado por muitos a primeira história em quadrinho. Mas antes do surgimento do personagem de Richard Outcault existiam outros exemplares de HQs anteriores ao lançamento de The Yellow Kid, como por exemplo “**As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte**”, do italiano Ângelo Agostini, que foi lançada no Brasil em 1869, quase 30 anos antes de The Yellow Kid. De acordo com Uliana, Vergueiro (2007 apud. Vergueiro, p289) a origem do termo quadrinhos é diversa e varia conforme o país:

Nos países de língua inglesa, as histórias em quadrinhos são conhecidas como "comics", "comic books" ou "comic strips", denominações oriundas da predominância do aspecto cômico nas primeiras manifestações quadrinhísticas desses países. Os franceses, por sua vez, costumam referir-se a elas como "bandes dessinées", devido à forma como foram tradicionalmente publicados nos jornais, em forma de tira ("bande"). Traduzida literalmente para o português, essa expressão resultou em "banda desenhada", denominação que foi incorporada pelos leitores de Portugal e algumas de suas ex-colônias, à exceção do Brasil; nesses países, embora atualmente em desuso, costumava-se também utilizar a pitoresca expressão "história aos quadrinhos" para denominar todas as publicações desse tipo de material

Figura 3: Trecho do livro 'Monsieur Jabot', considerada a primeira HQ publicada no mundo, de Rodolphe Topffer.



Fonte: revista cult, 2017

Há quem diga, porém, que a primeira história em quadrinho é Monsieur Jabot (ver figura 3), de autoria do alemão Rodolphe Topffer. De acordo com Dias 2017 “a história do homem que dá nome ao livro é contada em tiras sequenciais desenhadas a bico de pena e nanquim”. Há uma controvérsia sobre quem é o pioneiro na nona arte, visto que diversos autores tem posições diferentes: Álvaro Moya diz que é The Yellow Kid, mas há também quem diga que a primeira HQ da história é Monsieur Jabot.

Não é uma tarefa fácil determinar o surgimento dos quadrinhos e depende da definição utilizada. Assim, se eles forem considerados como a arte de narrar histórias por meio de desenhos, as pinturas nas cavernas da Idade das Pedras, podem ser consideradas como precursoras; no entanto, se, ao contrário, definirmos que os quadrinhos surgem a partir dos balões de fala, sua origem remonta ao século XIX. (Smarra et al. P18, 2021)

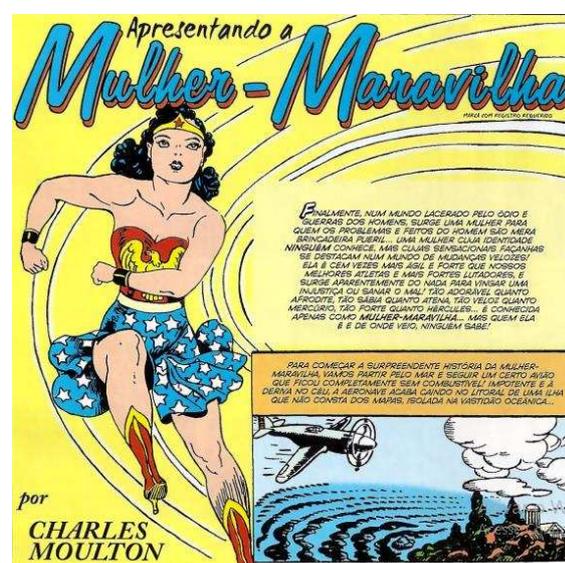
No mundo a popularização das Histórias em quadrinhos ocorreu com o surgimento dos super-heróis. Um dos mais antigos e mais influentes é o Super-Homem, que foi criado por Jerry Siegel e Joe Shuster em 1938. As histórias em quadrinhos logo se tornaram uma cultura de massa.

Figura 5: capa da HQ 'Capitain américa comics" (1941) n°1



Fonte: Guia dos Quadrinhos, 2007

Figura 4: primeira aparição da Mulher maravilha (1941)



Fonte: HQ Vintage, 2017

Em razão da entrada dos Estados Unidos na Segunda guerra mundial, Super-heróis foram criados. O contexto da época influenciou na criação do Capitão América e da Mulher Maravilha, ambos foram lançados no ano de 1941 para servirem como um símbolo do nacionalismo americano.

O sucesso de vendas que foi a revista do Capitão América (ver figura 5) impulsionou a editora Timely Comics, que décadas depois se tornaria a Marvel Comics, uma das maiores editoras de histórias em quadrinhos do mundo. O patriotismo sempre foi um elemento muito forte na cultura estadunidense e o momento de guerra vivido no mundo favoreceu à editora que soube atingir o ponto fundamental para tornar as histórias em quadrinho uma febre nos Estados Unidos. Gasparetto Jr diz o seguinte sobre o sucesso de Capitão América:

Sua primeira aparição foi em março de 1941 e fez circular quase um milhão de exemplares. O patriotismo sempre foi um elemento muito forte na cultura estadunidense e o momento de guerra vivido no mundo favoreceu à editora que soube atingir o ponto fundamental para tornar as histórias em quadrinho uma febre nos Estados Unidos. (Gasparetto Jr, Marvel Comics, s.d)

A criação da Mulher Maravilha (figura 4) é peculiar – seu criador é um *psicólogo*. Diana, a amazona nascida na ilha de Temiscira, filha da rainha Hipólita foi criada por William Moulton Marston, que de acordo com D’angelo (2020) é também o criador do detector de mentiras e em sua vida é adepto do poliamor. A vida pessoal do psicólogo é citada pois pode ter relação com a criação da guerreira heroína, pois segundo D’angelo (2016):

Por pressão da esposa, acabou inventando uma heroína mulher, inspirando-se em Elizabeth e em Olive. O detector de mentiras, então, virou o “laço da verdade”, os braceletes de Olive se tornaram os protetores de Diana, e a força de Elizabeth foi herdada pela amazona.

Figura 6: Mulher Maravilha era tratada apenas como uma secretária nas primeiras aparições na HQ da sociedade da Justiça da América



Fonte: Super Interessante, 2016

A primeira heroína da DC Comics, ícone de liberdade e feminismo, de acordo com D’angelo (2016) era apenas uma secretária em suas primeiras aparições

no já extinto quadrinho chamado a sociedade da justiça da américa, uma série precursora da liga da justiça (ver figura 6).

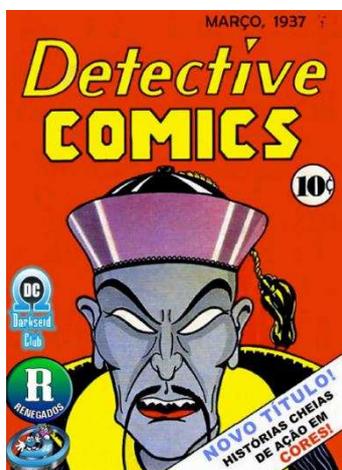
Por Diana ter sido criada em 1941, em meio a segunda guerra mundial, o apelo nacionalista de suas histórias era óbvio. Segundo Caixeta (2012, p36) “durante três anos a guerra serviu como temática para a maioria das histórias da Mulher Maravilha, referenciando tanto a linha contra os japoneses quanto contra os nazistas”. Sobre o vertiginoso número de vendas Caixeta (2012, p36) completa dizendo:

Para se ter ideia do apelo crescente das HQs entre os americanos, a circulação dessas revistas chegou a triplicar durante o período, vendendo milhões por mês e seu público compunha-se principalmente por meninos e por membros das forças armadas, aonde uma média de 30% do material impresso era enviado às bases. Essas histórias transbordaram o patriotismo.

1.1 As origens de Marvel e DC Comics

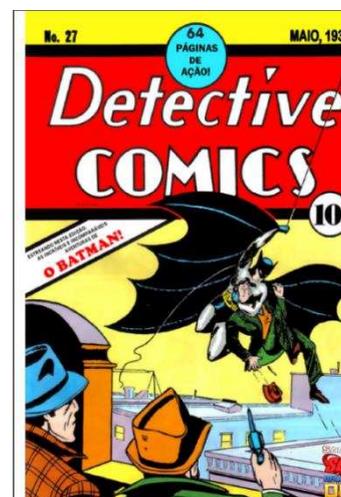
A criação de ambas foi primordial para a popularização das HQs no mundo, visto que as duas editoras atravessaram as fronteiras dos Estados Unidos e conquistaram uma legião de fãs pelo mundo. Para conhecer a origem da editora que hoje é mundialmente conhecida como DC Comics é preciso voltar para o início da década de 1930 “quando Malcolm Wheeler-Nicholson fundou a National Allied Publications” (Camacho, 2023). A DC Comics surgiu a partir da fusão de várias editoras.

Figura 7:primeira edição da revista detective Comics (1937)



Fonte: HQ Vintage, 2012

Figura 8: Detective Comics #27, a primeira aparição do Batman. (1939)

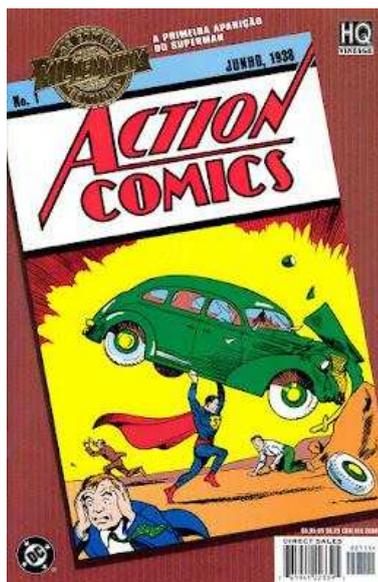


Fonte: HQ Vintage, 2014

Em 1937 Malcolm Wheeler-Nicholson criou a revista em quadrinhos “Detective Comics Inc”, entretanto, de acordo com Falcão (2017) o “(...) proprietário e fundador da National Allied-Publications, (...) estava tão afundado em dívidas, que tomou como sócios os donos da gráfica e distribuidora de seus gibis: Harry Donenfeld e Jack Liebowitz” e fundou a nova editora.

A partir da criação da “Detective Comics Inc” surgiu a “Action Comics”, outra revista icônica que foi incorporada a empresa que hoje é conhecida como DC Comics. Vale ressaltar que a edição número 27 da “Detective Comics” marcou a história dos quadrinhos, pois foi a primeira aparição do Homem-morcego, o Batman. Um dos maiores Super-heróis da história (ver figura 8).

Figura 9: Action Comics #01, a primeira aparição do Superman (1938)



Fonte: HQ Vintage, 2013

A “Action Comics 01” (figura 9) foi publicada no ano de 1938 iniciando um período que ficou conhecido como a era de ouro dos quadrinhos; marca também o início do multiverso da DC Comics. É uma revista icônica e tem um dos maiores super-heróis já criados em sua capa, mas Nash (2000) relata em um artigo publicado no jornal The New York Times que Jack S. Liebowitz, um dos fundadores da Detective

Comics, certa vez disse “que a decisão de colocar “Super-Homem” foi “puro acidente” baseado na pressão do prazo (...)” ¹(tradução nossa).

Figura 10: evolução dos logos da DC Comics



Fonte: DC Heroes RPG wiki

Super-Homem, Batman, Mulher Maravilha, Lanterna Verde, Aquaman e outros personagens clássicos foram criados entre 1938 e 1941. Foi o início da era de ouro dos quadrinhos. Nesta época a DC Comics ainda não existia oficialmente, pois, de acordo com P.H Mota (2023):

Em 1944, os atuais personagens da DC estavam divididos entre a National Allied Publication e a Detective Comics Inc., duas empresas dos mesmos sócios. Sendo assim, eles decidiram fundir os grupos sob o nome National Comics. Por outro lado, o logotipo trazia as iniciais da Detective Comics, DC, e a editora acabou sendo conhecida por esse nome.

Figura 11: Imagem de Janette Khan, histórica chefe da Warner



Fonte: Proty Two, 2016

¹ No original: “Mr. Liebowitz said that the decision to run ‘Superman’ was ‘a pure accident’ based on deadline pressure, but the rest is comic-book history. Nash (2000).”

A DC Comics assumiu oficialmente este nome apenas na década de 1970 sob o comando de Janette Khan (ver figura 11). “Já fã, Kahn ingressou na empresa como editora em 1976, quando tinha apenas 28 anos – a primeira mulher e a pessoa mais jovem a chefiar uma divisão da Time Warner”. ²(The Folio Society, 2023, tradução nossa)

Kahn revolucionou os quadrinhos da DC, mudar o logo foi apenas uma das coisas feitas por ela “Kahn foi rapidamente promovida a presidente e ajudou a modernizar a DC, introduzindo novos personagens e temas adultos complexos, e criando o gênero que ficou conhecido como 'histórias gráficas’”. ³(The Folio Society, 2023, tradução nossa).

Um dos feitos mais importantes de Janette Kahn a frente da DC Comics foi levar o Batman para o cinema, pois ela entendia como poucos a importância da presença dos quadrinhos em outras mídias para manutenção do legado da DC Comics na memória dos fãs.

Durante a era de Kahn na DC, ela fez parte da equipe que levou Batman às telonas no filme de 1989, estrelado por Michael Keaton como Batman e Jack Nicholson como o Coringa. (...) Como Kahn escreve em sua introdução à nova coleção Folio: ‘Os personagens da DC vivem em nossos corações por causa da expansão contínua das histórias fundamentais’⁴. (The Folio Society, 2023, tradução nossa)

² No original: “Already a fan, Kahn joined the company as publisher in 1976 when she was just 28 – the first woman and youngest person to head a division of Time Warner”. The Folio Society, 2023

³ No original: “Kahn was quickly promoted to president and helped modernise DC by introducing new characters and complex, adult themes, and creating the genre that became known as 'graphic novels'. But even during these trailblazing days, those Golden Age comics remained the lodestone, the model for everything that followed”. (The Folio Society, 2023)

⁴ No original: During Kahn's era at DC, she was part of the team that brought Batman to the big screen in the 1989 film starring Michael Keaton as Batman and Jack Nicholson as the Joker. (...) As Kahn writes in her introduction to the new Folio collection: 'The DC characters live in our hearts because of the continuous expansion of the foundational stories'. (The Folio Society, 2023)

Figura 12:evolução dos logos da Marvel



Fonte: Marcas Logos, 2023

A Marvel atualmente é uma potência cinematográfica que, de acordo com um ranking produzido por Bankhurst (2024) no renomado site “geek”⁵IGN, ao adaptar a história de seus heróis no cinema, conseguiu 4 das maiores bilheterias do cinema mundial. Mas um longo caminho foi percorrido para que a editora se tornasse esse colosso midiático.

Figura 13:capa da Marvel Comics #1 (1939)



Fonte: Guia dos quadrinhos, 2007

⁵ Popularmente falando, os geeks têm grande inclinação para interesses como tecnologia, computador, jogos de videogame, gadgets, histórias em quadrinhos, cinema e outras vertentes da cultura pop. (Ciriaco, 2022)

Inicialmente a empresa se chamava Timely Comics e foi fundada por Martin Goodman em 1939. Marvel Comics foi o nome dado a primeira revista em quadrinhos publicada pelo Timely Comics. A editora que deu origem a Marvel surgiu pouco tempo depois de sua maior rival, a DC Comics. Gasparetto Jr (s.d.) afirma que

A primeira publicação só aconteceria em 1939 através de uma revista chamada Marvel Comics que mostrou pela primeira vez ao público os personagens Tocha Humana e Namor. A publicação foi um sucesso de vendas e estimulou a equipe responsável a lançar a segunda edição no ano seguinte, mas com o nome de Marvel Mystery Comics. (Gasparetto Jr, Marvel Comics, s.d)

Logo no início da década de 1940 veio o já citado estrondoso sucesso do Capitão América por causa da segunda guerra mundial. No entanto, apenas o êxito de Capitão América não foi capaz de manter a Timely Comics viva, pois, “da mesma forma como a guerra favoreceu às vendas sobre histórias de heróis, o fim do conflito fez cair significativamente esse tipo de roteiro”. (Gasparetto Jr, Marvel Comics, s.d).

Como era costume da época, para fugir das dívidas Goodman criou uma nova editora, a Atlas (ver figura ...) que obteve e logo foi encerrada. Foi apenas na década de 1960 que a Marvel Comics virou de fato uma empresa. “Foi graças ao sucesso que a DC Comics obteve com suas histórias de super-heróis no final da década de 1950 e início da década de 1960 que a Marvel Comics se recuperou no gênero.” (Gasparetto Jr, Marvel Comics, s.d).

Figura 14: aparição de Stan Lee no filme homem aranha 3



Fonte: IGN Brasil, 2018

A mente por trás da maioria dos heróis clássicos da Marvel é de Stan Lee (1922-2018). Ele é o criador do Quarteto Fantástico, levou o deus Thor da mitologia nórdica para os quadrinhos, criou o incrível Hulk e o herói da vizinhança, o Homem-Aranha. Gasparetto Jr afirma que Stan Lee (figura 14) é um mito da cultura popular.

Após muitas décadas e a grande crise dos anos 1990, a Marvel Comics firmou-se como a principal editora de histórias em quadrinho dos Estados Unidos. Atualmente, a principal concorrente é a D.C. Comics, mas esta está muito abaixo da Marvel em número de vendas. A Marvel Comics gerou um mito da cultura popular, Stan Lee. Ele não está mais ligado oficialmente à empresa, mas, recorrentemente, assina algumas edições especiais. (Gasparetto Jr, Marvel Comics, s.d)

O contexto da época importa porque os quadrinhos fazem parte do que os intelectuais da escola de Frankfurt chamaram de *cultura de massas*⁶. É propaganda, e está a serviço do capital. As histórias em quadrinhos foram instrumentalizadas pela conjuntura geopolítica da época, mas sempre foram consideradas uma arte secundária; apenas mais uma ferramenta que pode vir a ser usada pelo Estado. Vergueiro (2007, p200-201) comenta sobre subvalorização e o preconceito que a sociedade tinha com as histórias em quadrinhos:

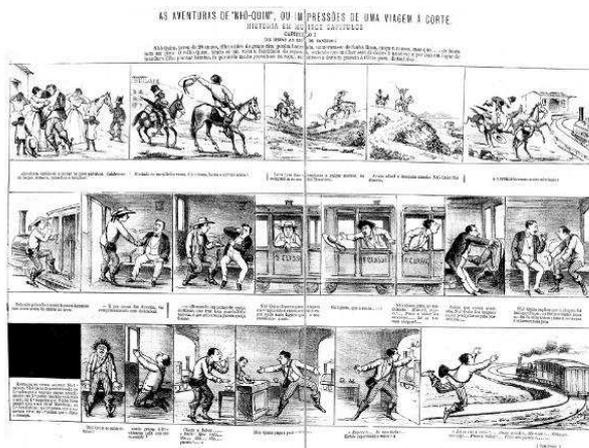
De forma geral, pais e educadores viam com muita desconfiança a leitura de quadrinhos por parte de seus filhos e alunos, imaginando que isto pudesse prejudicar seu desenvolvimento intelectual ou contribuir para afastá-los de leituras mais nobres. Durante décadas, preconceitos e idéias negativas contra os quadrinhos levaram a sociedade a acreditar que esse tipo de leitura trazia malefícios talvez inimagináveis a todos aqueles que nele se aventuravam.

Segundo Setubal e Rebouças (2015) o senado americano criou o órgão de censura às HQ - Comics Code Authority (CCA), uma instituição criada em virtude das críticas direcionadas às HQs que serviu para regular o conteúdo dos quadrinhos, causando assim uma maior aceitação e segurança dos pais, visto que o público dos quadrinhos era majoritariamente infanto-juvenil.

⁶ Para Walter Benjamin, a cultura de massa é uma forma de reprodução técnica da arte, que perde sua aura original em um mundo em que a reprodução em massa é possível (BENJAMIN, 1994). Ele argumenta que a cultura de massa é uma forma de mercantilização da cultura, que transforma a arte em um objeto de consumo. (Bodart, 2012)

1.2 A origem das histórias em quadrinhos no Brasil

Figura 15: trecho da HQ “As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte” (1869)



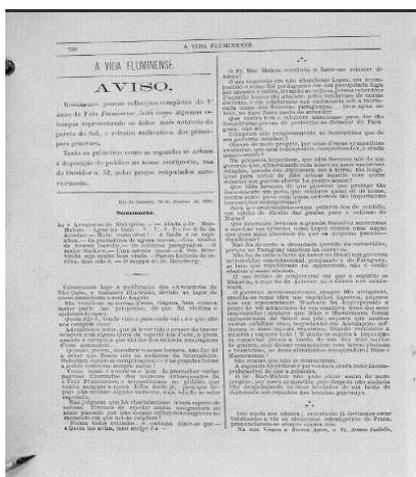
Fonte: Jornal da USP, 2022

O pioneiro na criação de histórias em quadrinhos nas terras tupiniquins foi Ângelo Agostini, um italiano radicado no Brasil. Foi ele quem criou **As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte**, a primeira história em quadrinho brasileira, que foi publicada no 30 de janeiro de 1869. Nos dias atuais, comemora-se o Dia dos quadrinhos nacionais nesta data. Lopes (2020) afirma que “a HQ se inspirou nos moldes do livro *Histoire de Mr. Jabot* (1833), do suíço Rodolphe Töpffer, que narra a história por meio de ilustrações com legendas”.

Figura 16: anuncio da publicação HQ “Aventuras de Nhô Quim” feita pela revista fluminense

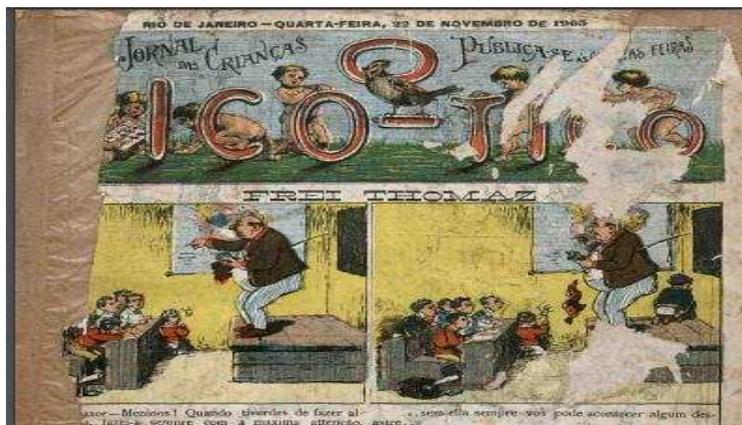
A revista “A vida fluminense” anunciou a obra que logo se tornaria a criação mais importante de Ângelo Agostini da seguinte forma:

Começamos hoje a publicação das ‘Aventuras de Nhô Quim’, romance ilustrado, devido ao lápis de nosso desenhista e sócio, Angelo. São verídicas as cenas dessa viagem, bem como a maior parte das peripécias de que foi vítima o atoleimado moço. Quem é ele, de onde veio, para onde vai é o que não nos compete dizer. (...) Como as ‘aventuras’ têm de preencher várias páginas ilustradas dos números subsequentes da *Vida Fluminense*, aconselhamos o público que venha assinar nossa folha desde já, para que não reclame alguns números cuja edição se ache esgotada. *Revista Fluminense*, 1869.



Fonte: hemeroteca Digital, 2024

Figura 17: Logo da revista O tico-tico feito por Angelo D'agostini.



Fonte: hemeroteca Digital, 2024

A primeira revista em quadrinho de origem brasileira recebeu o nome de O Tico-Tico, foi criada pelo jornalista Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, desenhada por Renato de Castro e lançada em 1905. O desenhista Ítalo-brasileiro também participou ativamente do processo de criação da revista O Tico-Tico, pois, de acordo com Gonçalves e Gomes (2016, p 232)

A pedido de Luís Bartolomeu de Souza e Silva, dono e editor das publicações d'O Malho, Agostini elaborou o logotipo que estamparia o cabeçalho da revista. Desenhado sobre pedra litográfica, foi substituído, entre 1917 e 1918, por um novo logotipo elaborado pelo desenhista Max Yantok. Ainda em 1918, porém, o trabalho de Agostini retorna adaptado e permanece até 1923 (...)

Figura 18: capa da última edição da revista O Tico-Tico



Fonte: hemeroteca Digital, 2024

A revista continuou sendo publicada por quase seis décadas. Sobre o fim da revista, Chaves (2017) afirma que:

Com a chegada dos quadrinhos americanos, conhecidos como gibis, a partir de 1939, e de seus super-heróis, como Batman e o Super-Homem, entre tantos outros, além do início da televisão, mais tarde, o Tico-Tico, com sua linha didático-pedagógica, começou a declinar, encerrando a publicação em 1962.

1.3 Quem foi Angelo Agostini?

Figura 19: Imagem de Angelo Agostini



Fonte: Guia das Artes, 2015

Um italiano, nascido na cidade de Vercelli, no dia 08 de abril de 1843, foi o responsável pela criação de Nhô Quim, o primeiro personagem de um quadrinho brasileiro. O pesquisador Athos Cardoso, estudioso da vida e obra do quadrinista italiano, conta que Angelo Agostini (figura 19) “em 1869, com 26 anos de idade, iniciou a publicação de *As aventuras de Nhô-Quim, ou Impressões de uma viagem à Corte – ‘História em muitos capítulos’* ensaio para a sua obra-prima – *As Aventuras de Zé Caipora.*” (Cardoso.p4, [s.d])

O mesmo Athos Eichler Cardoso, (p4, [s.d]) conta que Agostini “Foi um dos maiores defensores da Abolição e seu jornal o principal registro histórico e iconográfico daquela época.” O jornal que o pesquisador se refere é a *Revista Ilustrada*, um jornal independente da época, que foi dirigido por Ângelo Agostini. Segundo Oliveira (2006, p27)

A característica mais marcante de sua obra é a intransigente defesa do fim da escravidão, especialmente a partir de 1880. Agostini foi um

ativo militante da campanha abolicionista, que galvanizou setores da intelectualidade, do jornalismo, da política parlamentar e até mesmo dos fazendeiros.

O mesmo indivíduo defensor da causa abolicionista também pode ser chamado de elitista, pois, de acordo com Athos Cardoso (2006, p229) "o abolicionismo de Angelo Agostini e de seus correligionários tinha limites mais ou menos definidos". Ao analisarmos a obra Angelo Agostini percebe-se uma certa complexidade forma que o ítalo-brasileiro defendia a abolição, mas é preciso destacar que seu trabalho em favor da causa abolicionista foi reconhecido por Joaquim Nabuco que certa vez afirmou que suas publicações na *Revista Illustrada*⁷ eram "a Bíblia abolicionista do povo, o qual não sabe ler". (Nabuco, 1888 apud. Oliveira, p188, 2006)

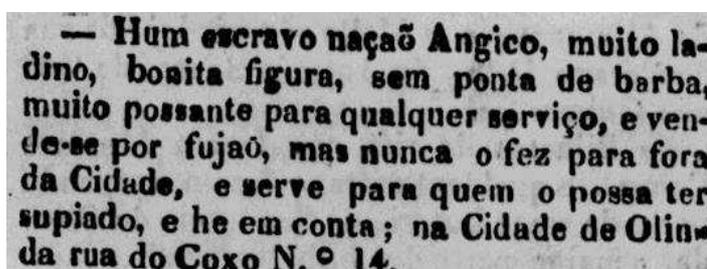
⁷ Periódico semanal, editado e publicado por Angelo Agostini (1843-1910), no Rio de Janeiro, entre os anos 1876 e 1898. Veiculava, regularmente, textos e imagens intercalados nas oito páginas de cada número da revista. As imagens - charges, caricaturas e retratos - ilustram e evidenciam os acontecimentos políticos, sociais, econômicos, culturais, assim como os relatos da vida cotidiana, na segunda metade do século XIX, que são os temas recorrentes em todas as edições da Revista Illustrada. (Acervo Museu Imperial)

CAPÍTULO 2: A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A forma que a população negra é representada no Brasil é uma consequência direta dos séculos de escravidão no país. Dito isso, é preciso ressaltar a luta do movimento negro e abolicionista, pois, em virtude das conquistas por eles pleiteadas se iniciou um processo de progresso gradual da situação da população negra brasileira. O negro aqui era visto como um objeto, e sobre isso Chinen afirma o seguinte:

A redução de seres humanos a mera propriedade acarretava não apenas a morte social, mas ainda a morte física, que também era muito comum no navio negreiro – por mais que comerciantes e capitães tentassem preservar a vida de seus escravos, para vendê-los nas Américas, e a de seus marujos, para usar o seu trabalho e por uma questão de segurança (Chinen, 2013, p15)

Figura 20: Anúncio de um escravizado publicado no Diário de Pernambuco em 1830, em que anuncia: “vende-se por [ser] fujão”. O termo “ladino” significava que, apesar de o escravo ser africano, ele já dominava o idioma e os costumes locais.



— Hum escravo nação Angico, muito ladino, boa figura, sem ponta de barba, muito possante para qualquer serviço, e vende-se por fujão, mas nunca o fez para fora da Cidade, e serve para quem o possa ter supiado, e he em conta; na Cidade de Olin da rua do Coxo N.º 14.

Fonte: Intercept Brasil, 2019

Mostrar um anúncio de um escravizado em 1830 se faz necessário para tentar retratar um pouco da situação da população negra no Brasil. A partir disso vale também destacar que o movimento abolicionista já era atuante nessa época de diversas formas, inclusive artisticamente, pois, do mal também se faz arte. O poeta e abolicionista Castro Alves escreveu um poema com o nome “O navio negreiro” onde descreve a situação que os escravizados eram obrigados a passar nas viagens vindas de África. Segue abaixo trechos do poema escrito em 1868:

Era um sonho dantesco... o tombadilho

Que das luzernas avermelha o brilho.

Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!
Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!

O dia 13 de Maio de 1888 oficializa o fim da escravidão no Brasil, mas o advento da lei Áurea não acaba com o preconceito racial como num passe de mágica. Havia na época todo um aparato estatal concebido por uma sociedade considerava homens e mulheres negras como uma mercadoria. Nenhum plano de apoio aos negros foi criado para o pós-abolição. Foram tirados da senzala e jogados nas favelas.

No dia 11 de outubro de 1890 o decreto nº 847 do então presidente Deodoro da Fonseca criava o código penal. Dois anos antes a princesa Isabel assinou a lei áurea e extinguiu a escravidão, os negros foram libertos – e jogados a própria

sorte. O golpe republicano de 1889 não foi um movimento abolicionista, tanto é que no artigo 399 capítulo XIII que tratava “Dos Vadios e capoeiras” dizia o seguinte:

Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite; prover a subsistencia por meio de occupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes: sPena - de prisão cellular por quinze a trinta dias. (Brasil, 1890)

No Brasil República, mais precisamente em 3 de Outubro de 1941, Getúlio Vargas criou com o decreto nº3688 a lei das Contravenções Penais. O artigo 59 tem um texto semelhante ao do artigo 399 de 1890, pois diz o seguinte:

Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante occupação ilícita: Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses. (Brasil,1941)

Essas duas leis tratam de uma suposta “vadiagem” e tinham a população negra como principal vítima, pois como praticamente nada foi feito para ajudar os negros no pós abolição, encontrar uma pessoa negra sem qualquer ocupação ou ofício não era tão difícil. São duas leis que serviam para manter os negros dentro de uma cela. De acordo com Vilela (2016) mais de 70% das prisões baseadas na lei da vadiagem resultavam em absolvição. Vilela (2016) afirma que até a década de 1970

Muitas das prisões eram efetuadas para "demonstração de serviço" de policiais, "enriquecendo" as estatísticas da polícia e abarrotando a Justiça. (...)Segundo funcionários da Justiça, não era raro um juiz ter de anular um flagrante porque o "vadio" era um comerciante que estava sem documentos, um biscateiro sem carteira assinada ou até mesmo doentes em tratamento.

O artigo 59 da lei de contravenções penais foi criado em 1941 e ainda está em vigência, mais de 80 anos depois. O país de todos, a pátria educadora, a pátria amada que precisa de união e reconstrução⁸ ainda tem em vigência uma lei notadamente racista.

⁸ Referência aos “slogans” dos governos de Dilma Rousseff 2014-2016, Jair Bolsonaro 2019-2022 e Lula 2003-2010; 2023-

Em meio a esse contexto de pós-abolição e instauração da república no Brasil a militância negra seguia atuante. Domingues (2008) destaca várias agremiações que foram criados com o intuito de atenuar a marginalização sofrida na época. Domingues (2008) cita algumas instituições criadas pelo movimento negro logo no início do século XX:

Em São Paulo, apareceram o Club 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Sociedade Propugnadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos(1917); no Rio de Janeiro, o Centro da Federação dos Homens de Cor;⁶ em Pelotas/ RG, a Sociedade Progresso da Raça Africana (1891); em Lages/SC, o Centro Cívico Cruz e Souza (1918) (Domingues, p103, 2008)

Na década de 1930 surgiu a Frente Negra Brasileira, uma importante organização ativista brasileira. Em entrevista para a BBC Brasil em 2020 o historiador Petrônio Domingues afirmou que a FNB “foi a maior organização negra da história da República, a que teve maior projeção e repercussão”.

A FNB tinha como objetivo inserir a população negra na sociedade e fazia atuando em diversas áreas, havia, dentre outras coisas, assistência jurídica e médica. Maia (2020) afirma o seguinte sobre a Frente Negra Brasileira:

A proposta educacional da FNB se pautava na luta pela integração do povo negro no mercado competitivo (o que exigia instrução) e para a operacionalização desse objetivo, a Frente criou escolas de alfabetização que chegaram a atender cerca de 4.000 alunos, criou um jornal A Voz da Raça, escolas primárias, cursos de formação social, cursos técnicos, cursos de alfabetização e vocacionais para adultos, além de disponibilizar assistência jurídica, médica, estética. (Maia, p3, 2020)

É notório que a educação sempre foi uma prioridade da militância negra. Todo o movimento de inserção do negro na sociedade e de quebra de estereótipos exige que a educação tenha uma posição central na causa. Nesse contexto de resistência contra a estrutura racista presente no Brasil do século XX, Maia (2020, p4) ressalta o papel da família na educação, visto que “também não havia, por parte dos movimentos, uma busca pela educação enquanto uma dimensão pública e responsabilidade do Estado, mas sim, como uma responsabilidade da família e do próprio negro”

Domingues (2008) divide o movimento negro no Brasil-República em três fases: a primeira fase inicia em 1889 e termina em 1937. Nesse contexto surgem as várias organizações já citadas e tem como expoente a Frente Negra Brasileira. A segunda fase do movimento negro brasileira começa em 1945 e termina em 1964, a terceira fase começa em 1978 e se encerra no ano 2000.

A segunda fase tem como um dos expoentes o intelectual Abdias do Nascimento e a instituição que ele liderava: o Teatro Experimental do Negro (TEN), criado em 1944. O surgimento de um grupo mostra que a militância possuía uma gama ampla de ideias, visto que haviam associações, grupos, agremiações e afins em praticamente todo setor da sociedade, inclusive no artístico. Domingues (2008) definiu bem a intenção inicial e as realizações do TEN:

A proposta original era formar um grupo teatral constituído apenas por atores negros, mas progressivamente o TEN adquiriu um caráter mais amplo: publicou o jornal Quilombo, passou a oferecer curso de alfabetização, de corte e costura; fundou o Instituto Nacional do Negro, o Museu do Negro; organizou o I Congresso do Negro Brasileiro; promoveu a eleição da Rainha da Mulata e da Boneca de Pixe; tempo depois, realizou o concurso de artes plásticas que teve como tema Cristo Negro, com repercussão na opinião pública.²⁹ Defendendo os direitos civis dos negros na qualidade de direitos humanos, o TEN propugnava a criação de uma legislação antidiscriminatória para o país. (Domingues, 2008, p109)

Os anseios do militantes que fizeram parte da terceira fase do movimento negro brasileiro se relacionam com um assunto extremamente importante nesse trabalho: a inserção da história africana e da cultura afro-brasileira no currículo escolar, visto que essa fase da militância foi influenciada pelos movimentos estudantis da época. O Movimento Negro Unificado (MNU) foi uma das organizações que surgiram na época. Domingues (2008) afirma o seguinte:

No Programa de Ação, de 1982, o MNU defendia as seguintes reivindicações “mínimas”: desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país. (Domingues, 2008, p114)

Destacar a importância do movimento negro no Brasil do século XX é importante, pois mostra que há desde sempre uma resistência seja intelectual, artística ou jornalísticas. Essas lutas foram e ainda são travados em busca de uma evolução social do negro. E essa evolução não se dá apenas pelo aumento do poder aquisitivo, mas representativo, pois é forma representar um povo que molda o imaginário coletivo de uma nação.

É a representatividade que oferece às pessoas um modelo, um espelho e mostra que ser negro é motivo de orgulho. Segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE, em 2021 pretos e pardos representam, agora, 56% da população brasileira. De acordo com a Agência Câmara de Notícias, o número de candidatos autodeclarados pretos ou pardos pouco cresceu nas últimas eleições.

Apesar do aumento de 36,25% das candidaturas de pretos e pardos para a Câmara dos Deputados em 2022 frente a 2018, o número de candidatos efetivamente eleitos com essas características autodeclaradas cresceu apenas 8,94%. Neste ano, pretos e pardos eleitos somam, respectivamente, 27 e 107; em 2018, eles eram 21 e 102 (SOUZA, 2022)

No mundo corporativo o cenário é praticamente o mesmo: existe um crescimento no número de pessoas pretas ou pardas ocupando cargos no alto escalão, mas ainda não o suficiente para representar os 56% de pardos e pretos presentes no país.

Segundo Luciene Rodrigues, gerente de Projetos de Impacto Social no MOVER (Movimento pela Equidade Racial), enquanto 56% dos brasileiros se declaram negros, apenas 4,7% ocupam uma posição de liderança no mundo corporativo. Os números espelham a contradição demográfica e a dificuldade de ascensão profissional da população preta e parda, que é vista em cargos na base da empresa (MARQUES, 2023)

O racismo estrutural presente na sociedade brasileira é uma das teses que explica essa discrepância representativa. A militância venceu batalhas e conquistou muitos progressos, como o aumento de pessoas de autodeclarando pretas e pardas, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido, tendo em vista que 300 anos de escravidão não se resolvem em menos da metade desse tempo.

Foi o passado escravocrata brasileiro que deixou mais da metade de sua população sem uma representação robusta nas instâncias de poder da sociedade

brasileiras. O autor Silvio Almeida (2019), em seu livro “O que é racismo estrutural?” exemplifica como o tratamento muda de acordo com o tom de sua pele:

Homens brancos não perdem vagas de emprego pelo fato de serem brancos, pessoas brancas não são “suspeitas” de atos criminosos por sua condição racial, tampouco têm sua inteligência ou sua capacidade profissional questionada devido à cor da pele. (ALMEIDA,2019)

O racismo faz parte da estrutura do país, desde sempre o negro foi visto como alguém inferior. Escravo e vadio; foi assim que o Brasil cresceu e que de acordo com o Fundo monetário internacional (FMI) atualmente é a 9º maior economia do mundo.

A formação da sociedade brasileira é umbilicalmente ligada ao período da escravidão. Sendo a grande maioria dos escravizados pessoas negras trazidas de África, são eles quem mais sofrem as consequências deixadas pelo passado escravagista brasileiro. O imaginário coletivo dos brasileiros foi - e ainda está, sendo formado por uma estrutura que oprime não brancos. As manifestações artísticas racistas e elitistas são consequências de séculos tratando a população negra como mercadoria e mão de obra.

2.1 A PRESENÇA NEGRA NOS QUADRINHOS

Não há como separar os problemas do cotidiano brasileiro da produção de quadrinhos. E a sociedade brasileira marginaliza a população negra, por isso, no Brasil, como bem disse o rapper brasileiro na música Negro drama: “me ver pobre, preso ou morto já é cultural” (Racionais Mc’s, 2002). É até ingênuo pensar que os negros não seriam representados de forma problemática.

As histórias em quadrinhos são desde sua criação uma ferramenta valiosa na formação educacional dos brasileiros – e nos quadrinhos o estereótipo é a lei. No Brasil quem mais sofre com isso são os negros, por serem historicamente marginalizados. O peso de um estereótipo no imaginário coletivo é imensurável, visto que cria uma visão distorcida do indivíduo estereotipado e acaba normalizando o preconceito.

Essa distorção ocorre por causa da abundância de estereótipos e da ausência de representatividade negra no imaginário coletivo da sociedade brasileira como um todo. Nos quadrinhos o personagem de maior sucesso comercial é Pererê, criado pelo cartunista Ziraldo.

(...)o Pererê, historicamente o mais bem sucedido personagem negro das histórias em quadrinhos, não é um ser, humano ou animal, mas uma entidade mitológica, pertencente ao folclore brasileiro. Ou seja, o negro mais famoso dos quadrinhos brasileiros é alguém que não existe, que não serve de modelo ou ideal ao leitor negro. (Chinen, 2013, p104)

Se o personagem negro de maior sucesso nos quadrinhos brasileiros é uma figura não humana, algo está errado. Se não existe um modelo a ser seguido a ignorância impera; o negro não se reconhece no ser mitológico e o branco só reconhece essa visão deformada de negritude - vale ressaltar que isso acontece, com anuência das classes dominantes, no país da suposta “*democracia racial*”.

No Brasil, há menos de 150 anos a escravidão era uma prática legalizada pela justiça e, principalmente, aceita por uma parte da sociedade. E da escravidão vem o preconceito, visto que o normal há três gerações era a população negra ser considerada mercadoria.

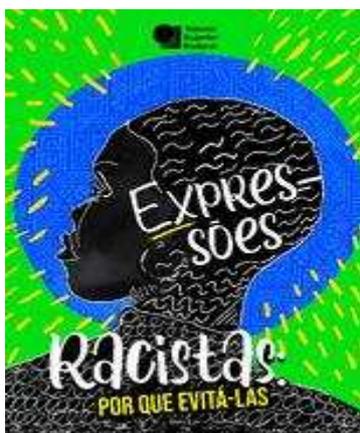
Figura 21: Matéria do Jornal Gazeta de Notícias anunciando a extinção da escravidão no Brasil



Fonte: Toda Matéria, [s.d.]

Ainda hoje é possível perceber e elencar resquícios óbvios do período escravagista, principalmente na linguagem. Os mais de três séculos de escravidão não foram magicamente apagados na tarde do dia 13 de Maio de 1888, as marcas deixadas na linguagem são um exemplo.

Figura 22: Capa da cartilha Expressões racistas: como evitá-las, publicada pelo TSE



Fonte: Biblioteca digital da Justiça eleitoral, 2022

A forma de se comunicar do brasileiro ainda hoje é marcada por um vocabulário repleto de expressões com conotação racista, tanto é que no ano de 2022 o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) lançou uma cartilha com o título “Expressões racistas: como evitá-las” (figura 22) contando a origem racista de algumas expressões da língua portuguesa e sugerindo que o cidadão parasse de usá-las.

Figura 23: logo da revista de quadrinhos brasileira Gibi



Fonte: Nanquim

No Brasil as histórias em quadrinhos também são popularmente conhecidas como Gibi, que foi o nome dado por Roberto Marinho à revista que por ele foi criada (ver figura 23). Gonçalves Jr (2023, p101) afirma que “(...) ‘gibi’ era usado como sinônimo de ‘moleque’, ‘garoto’, ‘negrinho’”. A etimologia da palavra se referir a uma pessoa negra, poderia alavancar o protagonismo do negro nos quadrinhos a outro patamar – se a origem da palavra foi amplamente conhecido. É difícil afirmar que Roberto Marinho tenha tido a intenção de dar um papel de tamanha importância para a população negra. Gonçalves Jr (2023, p101) destaca que “Para Aizen, ao batizar a

revista de Gibi, Marinho repetiu sua atitude de “parasita”, pois ambos os títulos sugeriam ideias e significados parecidos. ‘Mirim’, em tupi, é o mesmo que ‘pequeno’”.

Figura 24: Lothar, o primeiro personagem negro a ter destaque nos quadrinhos americanos



Fonte: history of black super heroes,2020

O personagem Lothar (figura 24) foi criado por Lee Falk e é o fiel escudeiro de Mandrake, o mágico. A obra era extremamente estereotipada e, segundo Tulio Vilela (2011) “Lothar era o príncipe de um conjunto de tribos africanas, mas abdicou do trono para trabalhar para o amigo. Ele abriu mão do trono real para se tornar um mero empregado! Bastante inverossímil!”.

Apesar do papel importante nas histórias ao lado de Mandrake, Lothar, um príncipe em África, foi relegado a um simples guarda-costas de seu companheiro Mandrake. A revista do mágico Mandrake foi criada em 1934, um período marcado pelo racismo e imperialismo, nesse primeiro momento da revista Lothar era só mais um exemplo racista na arte.

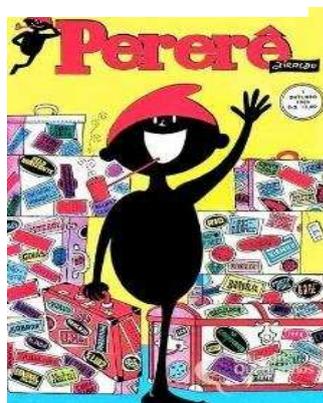
Lothar possui o mérito de ser o primeiro personagem negro de destaque numa história em quadrinhos norte-americana, antes dele, os poucos negros que apareciam nos quadrinhos eram personagens secundários ou não mais do que meros figurantes. No entanto, nos primeiros anos da tira, Lothar era mais um estereótipo impregnado da visão racista dominante na época: as falas do personagem eram caracterizadas por um inglês truncado, vestia uma túnica feita de pele de leopardo e usava um chapéu turco. (Vilela 2011)

Figura 25: primeira aparição do Pantera negra em uma HQ da Marvel (1961)



Fonte: Guia dos quadrinhos 2007

Figura 27: capa da revista Pererê, 1960



Fonte: Guia dos quadrinhos, 2007

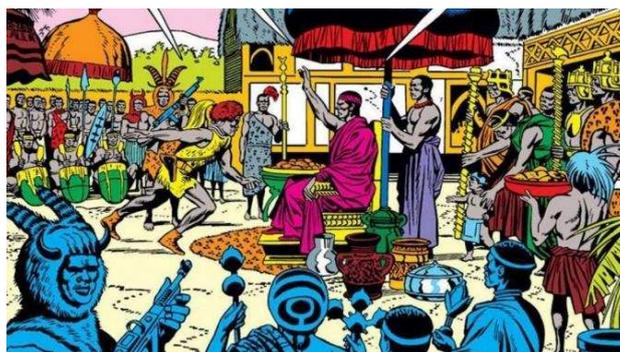
Figura 26: Da direita para a esquerda –as mudanças no desenho do personagem Jeremias



Fonte: Arquivos Turma da Mônica, 2013

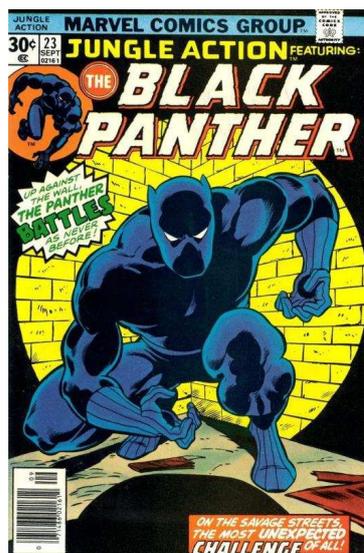
Atualmente um dos personagens com maior notoriedade é o rei T'Challa, o Pantera Negra, da Marvel. Ele foi criado por Stan Lee e Jason e lançado em 1966. Ele é um dos poucos super-heróis de pele negra dos quadrinhos, o que ilustra a pouca representatividade negra nos quadrinhos ainda hoje, mesmo com todos os avanços sociais conquistados

Figura 28: trecho da edição de nº 52 da HQ Fantastic Four.



Fonte: Nerdspeaking, 2021.

Figura 29: capa da revista Jungle Action (1975)

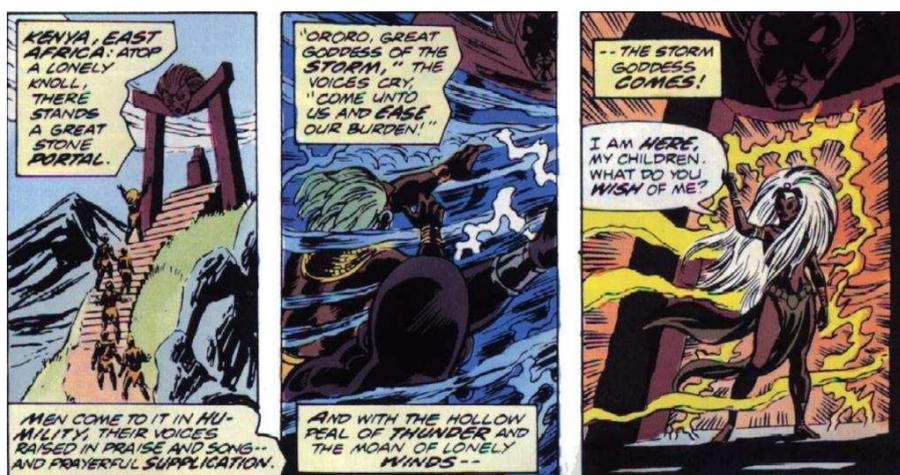


O Pantera negra aparece pela primeira vez nos quadrinhos da Marvel no ano de 1961 (ver figura 29), na revista do quarteto fantástico. As primeira revistas narram “mais que uma história sobre um herói, os quadrinhos do Pantera Negra narram a história de um povo, de uma família real africana”. (Pantera Negra: Quadrinhos e racismo, 2021)

Por ele ter aparecido na fase final e, ao mesmo tempo, no auge do movimento pelos direitos civis nos EUA, mesmo antes do Partido dos Panteras Negras⁹, o super-herói sempre foi entendido como uma mensagem política. No entanto, ele só conseguiu sua própria série de quadrinhos em 1973 (Jungle Action). (Maqua, 2020)

Fonte: ReserchGate, 2021

Figura 30: primeira aparição de Tempestade, em Giant Size X-men (1975)



Fonte: Nerdspeaking, 2021.

Oro Munroe, a Tempestade, apareceu pela primeira vez nos quadrinhos da Marvel em 1975 (ver figura 30). Uma super-heroína negra criada no meio do século XX na sociedade estadunidense certamente quebrou paradigmas, mas também é um

⁹ O Partido dos Panteras Negras, em certo sentido expressão do movimento de mesmo nome, foi fundado em 1966, em Oakland, Califórnia, por Bobby G. Seale, Huey P. Newton e Eldridge Cleaver. Criado originalmente como uma organização de defesa dos direitos dos negros, os panteras acabaram pregando o uso de armas. (Pinho, Portal da América Latina e Caribe)

produto de sua época, uma resposta do mercado editorial. Mallu Oliveira (2021) faz a seguinte afirmação sobre o contexto da criação de Ororo:

Tempestade foi lançada em uma época conturbada na história dos EUA. Com a segunda onda feminista, movimento hippie, movimento dos direitos civis entrando gradativamente nas pautas midiáticas na década de 70. Isso levou a criação de um grupo de heróis que representava a diversidade exigida na época: Os X-Men.

A personagem criada por Len Wein e David Cockrum é um exemplo de como a mulher negra era representada na época, pois tempestade era uma figura sexualizada e, ao mesmo tempo, masculinizada pelo seu criador. Existe também um aspecto semelhante ao personagem Lothar: Tempestade também deixa seu povo para seguir sendo a sombra de alguém. Lothar era príncipe e seguiu Mandrake; Ororo Munroe era cultuada como uma deusa pelos seus e os deixa para seguir os passos de Charles Xavier, o personagem líder dos X-Men. Mallu Oliveira (2021) afirma que “apesar de ser símbolo de força e independência, Ororo parece ter todas as características básicas de uma personagem feminina no quadrinhos: docilidade, subordinação, devoção e fidelidade a uma figura masculina.”

Partindo do pressuposto que a arte molda o imaginário de um povo, os produtos de massa – e isso inclui as revistas em quadrinhos, tem um papel social essencial na criação e na extinção de estereótipos e preconceitos. Uma personagem como Ororo pode ter uma representatividade imensurável, e também pode servir como o agente legitimador de preconceitos, por isso é necessário que os veículos que de alguma maneira se comunicam com a massa da população exerçam com seu ofício com responsabilidade social. Sobre a relação dos meios de comunicação e a naturalização de preconceitos, a autora Sueli Carneiro afirma categoricamente que

Os meios de comunicação vêm se constituindo em um espaço de interferência e agendamento de políticas do movimento de mulheres negras, pois a naturalização do racismo e do sexismo na mídia reproduz e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e o valor social desse grupo. (Carneiro, 2003, p125)

Figura 31: Lanterna Verde (1972)



Fonte: Nerdspeaking, 2021.

O Lanterna-verde de John Stewart (figura 31) foi criado em 1971 e possivelmente é o personagem negro da DC Comics. Oliveira (2021) afirma que o herói “foi criado pela DC Comics após um escândalo de racismo na sua primeira tentativa de introduzir um herói negro nos seus comics em 1969”.

John é um arquiteto e ex fuzileiro naval que no seu início foi criado para ser um personagem menor que outro lanterna verde, o Hal Jordan – que é branco. Com a escassez de personagens negros na DC John logo se tornou maior que Hal e assim que entrou na Liga da Justiça se tornou o principal lanterna-verde dos quadrinhos. E assim como os outros personagens negros já citados ele também foi estereotipado, pois, como afirma Oliveira (2021) “O arquétipo do homem negro moldado pelo racismo a ser uma figura fechada, sisuda, machucada, mas “firme”, parece se encaixar perfeitamente em Stewart.”

Figura 32: trecho da capa da HQ Captain america and the Falcon (1971)



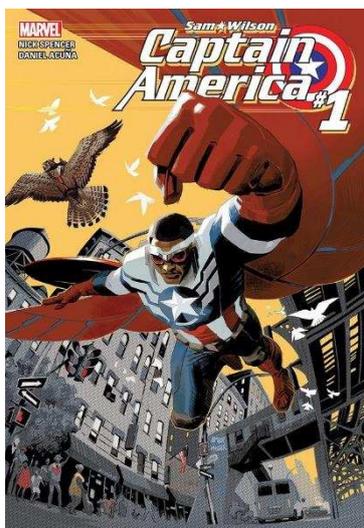
Fonte: Nerdspeaking, 2021.

Sam Wilson, o Falcão, é mais um dos inúmeros personagens criados por Stan. Criado em 1969 Sam, um nasceu envolto a um contexto peculiar da história

estadunidense: a guerra do Vietnã e todos os conflitos que a partir da guerra foram gerados. De acordo com Yugie (2021) o Falcão “foi o primeiro super-herói afro-americano publicado nos quadrinhos por uma grande editora, em Captain America #117, de setembro de 1969”.

O Falcão (figura 32) é um dos melhores amigos do Capitão nos quadrinhos e inicialmente também fora mostrado como coadjuvante, situação que logo mudou pois nos anos 1970 ele protagonizou uma revista ao lado de Steve Rodgers, o Capitão América.

Figura 33: capa da primeira edição da HQ Captain America, a primeira vez que Sam Wilson usou o manto



Fonte: Canalteh, 2021

Recentemente, no ano de 2015, a Marvel promoveu uma grande mudança em que transformou o Falcão no Capitão América (figura 33). Sam Wilson recebeu o manto e as responsabilidades seu amigo Steve Rodgers, o capitão América clássico. Algo que não durou muito tempo pois o momento pelo qual os Estados Unidos estava passando exerceu grande influência nas histórias.

A eleição de Donald Trump certamente influenciou Sam Wilson a abandonar o manto da Capitão América. Yugie (2021) afirma que “a questão sobre imigrantes, por exemplo, tornou-se parte das tramas. E, assim, como na vida real, o

personagem começou teve que enfrentar a intolerância e atos terroristas de extremistas”

É importante salientar que não existem apenas os quadrinhos de heróis; o mundo das HQs é bem mais abrangente. Existem quadrinhos de mistério, romance, ficção científica, é bem semelhante aos livros. Com os quadrinhos há também a possibilidade de adaptar a história de um livro e conta-la através dos quadrinhos.

Os primeiros personagens negros em quadrinhos de origem nacional apareceram logo na primeira obra criada: *As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*, o autor Nobuyoshi Chinen (2013) cita nome a nome cada personagem negro que passou pelas aventuras de Nhô Quim, algo em comum entre Benedito, Joanhina, Úrsula e todos os outros é que são coadjuvantes, mas essa foi uma condição durou muito tempo. Sobre essa questão Cirne afirma que:

No Brasil, o que nos parece bastante grave para um país que oficialmente não reconhece o preconceito racial, os heróis negros são exceções, nem sempre honrosas (vide Pelezinho, de Mauricio de Sousa). A verdade é que a nossa galeria de personagens negros é bastante pequena: Benjamim (Luís Loureiro), Lamparina (J. Carlos), Azeitona (Luiz Sá), Pererê (Ziraldo), Preto-que-Ri (Henfil) – e mais um ou outro exemplo. (Cirne apud. Chinen, p108, 2013)

Figura 34: imagem de Giby, personagem da revista O Tico-tico



Fonte: Cardoso, 2013

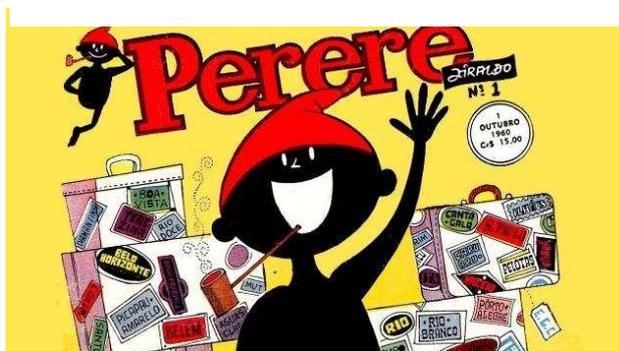
Os primeiros personagens de fato estão presentes nas aventuras de Nhô Quim, mas existem outros personagens que podem ser considerados como pioneiros nos quadrinhos produzidos no Brasil. Chinen e Vergueiro (2010, p131) destacam que Athos Eichler Cardoso cita Giby (figura 34), personagem da revista O Tico-Tico, “como sendo o primeiro personagem negro brasileiro a aparecer com regularidade nos quadrinhos”. A respeito de Giby, Cardoso (2013, p24-25) diz o seguinte:

Giby, o segundo do gênero, é o primeiro afro-brasileiro, companheiro e vítima das travessuras de Juquinha, publicado na mesma revista, a partir de 16 de outubro de 1907. No final de dezembro desse ano, o criador e as criaturas afastaram-se d'O Tico-Tico

No Brasil, o cartunista renomado Ziraldo criou Pererê, baseado no folclore brasileiro. Pererê foi publicado pela primeira vez em 1960 e ficou em circulação até ser cesurada pela ditadura militar, em 1964. O próprio Ziraldo conta como surgiu a ideia de criar o personagem Pererê em uma entrevista ao jornal O Globo:

Nos anos 50, surgiu um projeto de nacionalização das HQs. Na época, a revistinha da Luluzinha e do Bolinha vendia horrores, tipo uns 150 mil por mês. A oportunidade de apresentarmos um personagem nacional para "O Cruzeiro" veio numa sexta-feira. Virei a noite trabalhando no fim de semana e, na segunda, apresentei a revista pronta, com 32 páginas desenhadas a lápis.

Figura 35: o Pererê



Fonte: Dark Blog, 2022

Pererê (figura 35) foi bem recebido por críticos e intelectuais da época, pois, segundo o jornalista Gonçalo Junior (2023), o personagem criado por Ziraldo era visto como um exemplo de “brasilidade”.

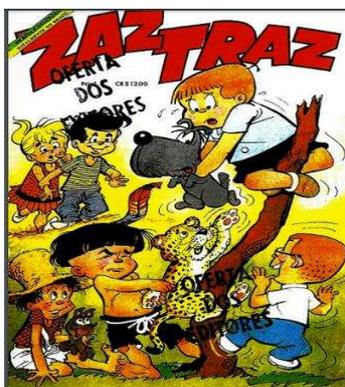
Críticos dos quadrinhos e intelectuais a saudaram como um exemplo sadio de “brasilidade” e de vida inteligente nos quadrinhos, que deveria ser copiado por todos os editores. Mais que isso, entenderam que a revista era a demonstração clara de que a ideia de nacionalizar a produção dos gibis contava com a aceitação dos leitores. (Gonçalo Jr, p446, 2023)

Apesar da boa recepção é óbvio que há problemas na maneira como Pererê é representado. O desenho feito com nanquim e a suposta “brasilidade” no discurso do personagem evidenciam a visão estereotipada que sociedade brasileira tinha na época. A crítica positiva feita a obra revela uma indiferença com a pauta racial.

Ao evitar as narrativas e ao mesmo tempo aplicá-las explicitamente como ferramenta visual, Ziraldo produziu uma história em quadrinhos que refletia a relutância da elite branca em discutir um tema difícil em seu desejo de evitar conflitos sociais ¹⁰(Dietrich, 2010, p.143, tradução nossa)

As elites brasileiras são as principais interessadas em manter a suposta democracia racial como discurso hegemônico, tendo em vista que a desvalorização de ideias que discutem a realidade racial brasileira mantém a população oprimida sempre inerte. E ainda nos dias atuais, como bem diz Winant. Apud. Dietrich (2010, p145, tradução nossa) “As elites brasileiras, tanto de direita como de esquerda, continuam a desprezar a importância da variável racial na vida política e cultural”¹¹.

Figura 37: capa da revista Zaz Traz (1960)



Fonte: Download de HQs, 2021

Figura 36: primeira aparição de Jeremias nos quadrinhos



Fonte: Download de HQs, 2021

Mauricio de Souza criou Jeremias, em 1960. Inicialmente o personagem apareceu na primeira edição da revista “Zaz Traz” (Figura 36), da editora Continental

¹⁰ No original: “In avoiding the narrative of race while explicitly engaging it as a visual tool, Ziraldo produced a comic that reflected the white elite’s reluctance to discuss a difficult topic in its desire to avoid social conflict”. (Dietrich, 2010, p.143)

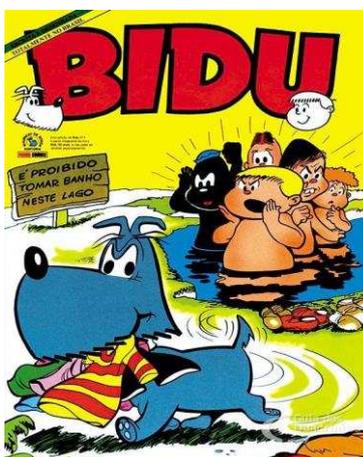
¹¹ No original: “Brazilian elites, both right and left, continue to dismiss the significance of the racial variable in political and cultural life” (Winant. Apud. Dietrich 2010, p145)

como um coadjuvante na história, algo comum na arte brasileira, poucos negros são protagonistas de uma obra. De acordo com Cirne (2000, apud Souza, p03, 2021) “O povo negro só aparecia nas histórias como coadjuvantes temporários nas aventuras dos heróis brancos, ou caricaturados, mantendo o estereótipo de que o negro é inferior, feio, mal, primitivo, [e] menos inteligente (...)”. Jeremias surgiu antes mesmo de Monica, que só viria aparecer em 1963 em uma história que o protagonista era cebolinha.

Com a criação da turma da Mônica Jeremias acabou sendo inserido nesse personagem, inicialmente como o único negro da turma. Mais um personagem em meio a tantos, bem longe de algum protagonismo. Sobre a importância de Jeremias na Turma da Mônica, Chinen (2013, p147) afirma o seguinte:

Utilizando como critério a frequência que os personagens aparecem nas histórias e o papel que desempenham no contexto do universo geral da Turma da Mônica, Jeremias pode ser considerado um personagem menos que secundário, ele é terciário, pois os primários são os quatro principais já citados; entre os secundários estão Anjinho, Franjinha, Zé Luís e até alguns mais recentes como Do Contra e Nimbus. Só depois, aparecem Titi, Xaveco, Jeremias e outros.

Figura 38: capa da revista Bidu (1960)



Fonte: Guia dos quadrinhos, 2007

Ao analisarmos a origem do personagem fica evidente uma questão que é problemática nos dias atuais: Jeremias foi inicialmente desenhado quase

completamente com tinta *nanquim*¹² (ver figura 38). A forma como o personagem era representado era um estereótipo racista que foi disseminado pelas classes dominantes da época. A representação estereotipada dos negros atualmente é conhecida como “blackface”.¹³ Ferreira (2015) afirma o seguinte:

O blackface renova o preconceitos, essencializa estereótipos e é uma forma de exclusão, uma vez que opera ao negar espaços a atores negros. Blackface é opressão que longe de ser uma forma de humor, é uma forma racista que, se hoje é mais sutil, não é menos ofensivo. É mais um mecanismo de discriminação.

Num passado bem recente o que chamamos de blackface era aceito socialmente, havia quem se fantasiasse para ir a uma festa, mas principalmente existiam trabalhos artísticos em diversas áreas que utilizaram essa técnica de origem racista. E isso atesta a presença do racismo no imaginário coletivo, pois, muitas das pessoas que faziam blackface não tinham consciência de que estavam tendo uma atitude racista.

2.2 PERSEGUIÇÃO, CENSURA E A NACIONALIZAÇÃO DOS QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos enfrentaram inúmeras perseguições políticas no século XX: da censura no Estado Novo de Vargas ao projeto de nacionalização das histórias em quadrinhos no de 1955. De acordo com Gonçalo Jr (2023) a primeira manifestação pró censura dos quadrinhos ocorreu no ano de 1939 “quando o tema entrou na pauta de discussão de um encontro de bispos de São Paulo, em Aparecida do Norte” (Gonçalo Jr.P120, 2023).

¹² O nanquim é uma tinta à base de pigmento preto, geralmente utilizada para desenhos e ilustrações. Sua origem remonta à China antiga, onde os artistas utilizavam uma mistura de fuligem de óleo de pinheiro e cola animal para criar essa tinta (Freitas, s.d.)

¹³ O blackface é uma técnica de maquiagem teatral, na qual pessoas brancas pintam-se de negras para imitá-las de forma caricata, o que reforça características físicas, estereotipando-as com o intuito de fazer piadas. Uma ferramenta utilizada no teatro, no cinema e, lamentavelmente, muito comum no carnaval. (Ferreira, Época, 2015)

Havia na época um verdadeiro medo das histórias em quadrinhos. Religiosos, intelectuais e políticos influenciavam a sociedade nessa espécie de cruzada contra os gibis. Segundo Gonçalo J.R. (2023, p120) Gustavo Capanema, o ministro da educação de Vargas, teria recebido uma estranha correspondência de um menino que pedia “providências contra o que chamou de ‘*determinados periódicos dedicados em demasia às aventuras e fantasias*’ “. Possivelmente foi uma manobra do governo Vargas para censurar quadrinhos estrangeiros- leia-se, americanos.

Figura 39: imagem de padre Arlindo Vieira



Fonte: Prefeitura de Diogo Vasconcelos, 2024

O jornalista Gonçalo Junior (2023, p122) aponta o padre Arlindo Vieira (figura 39) como o “primeiro inimigo público das histórias em quadrinhos no Brasil”. O religioso dedicou uma parte de seu sacerdócio para denunciar supostos “perigos que os quadrinhos representavam para seus leitores em idade frágil, de formação do caráter” (Gonçalo Jr, p.123-124, 2023).

Gonçalo Junior (2023) destaca algumas das acusações feitas pelo sacerdote contra os quadrinhos que, na verdade invariavelmente eram ataques aos estadunidenses e a inserção de sua cultura em terras brasileiras.

O religioso achava que a maioria dos quadrinhos publicados no país tinha teor imoral e caráter “desnacionalizante” para seus pequenos leitores. (...) o objetivo maior de quem fazia os quadrinhos, na sua opinião, era promover abertamente a alienação cultural dos leitores, por meio da imposição dos “modismos” americanos, estranhos à cultura brasileira. (Gonçalo Jr, p123, 2023)

Gonçalo Jr listou vários projetos de lei, decretos e até manifestos criados no Brasil entre os anos de 1948 e 1965 que tratam sobre a censura e a nacionalização

dos quadrinhos. Leis com o intuito de nacionalizar ou censurar os quadrinhos foram criadas na esfera municipal, estadual e federal.

O então vereador Jânio Quadros criou, em 1949, o projeto de lei 90/48 com a intenção de fiscalizar o comércio de livros da capital paulista. O texto da lei diria o seguinte: “Dispõe sobre fiscalização do comércio de livros e outras publicações na cidade de São Paulo e ‘visa impedir que as leituras atentatórias aos bons costumes continuem a ser expostas nas livrarias e bancas de jornais” (Gonçalo Jr 2023, p529).

No estado do Rio Grande do Sul, o deputado estadual Cândido Norberto criou no ano de 1953 o projeto de lei 105/1953, com o intuito de aumentar a taxa de imposto sobre a venda de alguns produtos. O texto da lei diz o seguinte:

Eleva a taxa de imposto sobre vendas e consignações nas operações de venda, consignações ou transferência de artigos que refere. Artigo 1º – É elevada de 3% para 80% a taxa do imposto sobre vendas e consignações na primeira operação tributável no estado, seja venda, consignação ou transferência dos seguintes artigos: (...)revistas e publicações de histórias em quadrinhos ou não, de super-homens, guerras entre personagens imaginários tipo “Capitão Marvel”, “Capitão Atlas” e “Capitão América”, em que o crime e a violência são o traço predominante; d. revistas e publicações de histórias imorais em quadrinhos ou não, em que o pseudo-humorismo se alicerça em situações equívocas, nas quais o sexo é o motivo constante(...); (Gonçalo Jr p.536, 2023)

No ano de 1963 veio à tona o projeto que de fato nacionalizou o mercado editorial de quadrinhos brasileiro, a lei de nacionalização das histórias em quadrinhos- Decreto N°52497. Logo no primeiro artigo do decreto nota-se os novos rumos que o mercado editorial brasileiro teve que seguir:

Artigo 1º – As empresas editoras de histórias em quadrinhos deverão publicar, no conjunto de suas edições, histórias em quadrinhos nacionais nas seguintes proporções mínimas: 30% (trinta por cento) a partir de 1º de janeiro de 1964; 40% (quarenta por cento) a partir de 1º de janeiro de 1965; e, finalmente, 60% (sessenta por cento) a partir de 1º de janeiro de 1966. (Gonçalo Jr, p539, 2023)

O processo de nacionalização das histórias em quadrinhos teve sua gênese nas censuras instauradas durante a era Vargas e apenas em 1963 tornou-se oficial. Ocorreu de maneira paulatina e foi abertamente apoiado por personalidades históricas dos quadrinhos brasileiros. Maurício de Souza, o pai de Mônica, participou ativamente desse processo de nacionalização.

O cartunista fez parte da Associação de Desenhistas de São Paulo (ADESP) e inclusive elaborou um manifesto contra os quadrinhos estrangeiros, e foi entrega-lo pessoalmente no gabinete da Casa Civil. O que aconteceu no Brasil e algumas partes do mundo durante pelo menos três décadas foi uma intensa campanha de difamação: da sociedade contra as HQs em nome de uma suposta moralidade e até mesmo entre autores nacionais contra estrangeiros, em nome de um protecionismo exacerbado. Sobre a perseguição contra as HQs, Vergueiro afirma que

De uma maneira geral, durante os anos que se seguiram à malfadada campanha de difamação contra elas, as histórias em quadrinhos quase tornaram-se as responsáveis por todos os males do mundo, inimigas do ensino e do aprendizado, corruptoras das inocentes mentes de seus indefesos leitores (Vergueiro, p16, O uso das HQS no ensino)

CAPÍTULO 3: A IMPORTÂNCIA DAS NOVAS HQs NA EDUCAÇÃO

Antes de discutir a importância das novas produções de quadrinhos e seus benefícios é necessário destacar a luta do movimento negro, que muito antes de qualquer entrar em vigor já estava lutando por todo um povo. Camata e Costa (p188, 2021) explicam a situação do movimento durante o período de redemocratização:

No período da redemocratização, o movimento negro se reorganiza e passa a reivindicar uma série de direitos e políticas públicas capazes de combater o racismo e reduzir as desigualdades raciais, criando o sentimento de pertencimento social, promovendo atos, conferências, e tendo também a sua participação na Assembleia Nacional Constituinte (ANC) de 1987-1988.

A partir da redemocratização o movimento negro conseguiu se aproximar do governo. Antes disso Abdias do Nascimento era o único representante do movimento negro no Congresso Nacional. De acordo com Camata e Costa (2021) ele participou da idealização do Dia da Consciência Negra, além disso o intelectual e político brasileiro, no ano de 1883, ainda durante a ditadura, foi o autor do projeto de lei nº 1332, que propunha o seguinte:

Dispõe sobre ação compensatória visando à implementação do princípio da isonomia social do negro, em relação aos demais segmentos étnicos da população brasileira, conforme direito assegurado pelo art. 153, § 1º da Constituição da República (BRASIL, 1983)

O ineditismo desse projeto proposto em 1983 exemplifica a lentidão característica do Brasil, visto que a intenção desse projeto de lei era semelhante a lei 10639, pois Abdias do Nascimento tinha a intenção de incorporar aspectos da cultura africana no ensino de história. A lei obrigaria as escolas a fazer o seguinte:

I - Incorporar ao conteúdo dos cursos de História Brasileira o ensino das contribuições positivas dos africanos e seus descendentes à civilização brasileira, sua resistência contra a escravidão, sua organização e ação (a nível social, econômica e político) através dos quilombos, sua luta contra o racismo no período pós-abolição;

Mas apenas 13 anos depois um verdadeiro avanço educacional foi alcançado. O advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no ano de 1996, é um marco na história da educação brasileira, é um símbolo de um pretense

progresso na educação do Brasil. A LDB trouxe novas ideias, novas práticas e novos caminhos ao sistema educacional brasileiro.

Em meio a essas novas práticas trazidas pela LDB vieram os quadrinhos. Vergueiro (2009, p7) cita o item II do § 1º do art. 36 para referenciar a presença dos quadrinhos dentro das diretrizes impostas pela LDB: “item II do § 1º do art. 36 registra, de forma mais explícita, que, entre as diretrizes para o currículo do ensino médio, está o conhecimento de ‘formas contemporâneas de linguagem’.

A versão mais atualizada do documento define, no inciso II do parágrafo 8º artigo 35 da LDB, a seguinte meta a respeito do aprendizado dos discentes ao fim do ensino médio: “conhecimento das formas contemporâneas de linguagem”. (Brasil, Lei 9394, 1996)

Ainda que esta atividade tenha sido inicialmente vista com estranheza pela sociedade – a começar por aqueles professores que haviam crescido na época em que os malefícios da leitura de quadrinhos faziam parte do senso comum –, a evolução dos tempos funcionou favoravelmente à linguagem das HQs, evidenciando seus benefícios para o ensino e garantindo sua presença no ambiente escolar formal (Vergueiro, 2007)

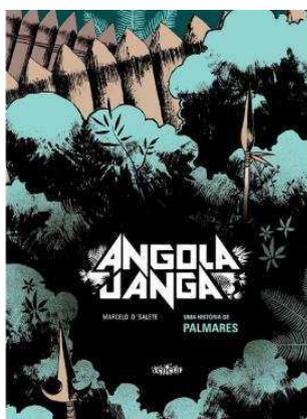
A aceitação dos quadrinhos como uma ferramenta educacional foi uma consequência de um certo progresso civilizacional ocorrido na sociedade brasileira. Nas últimas décadas algumas mudanças estruturais começaram a acontecer no Brasil: a censura não mais aceita socialmente como era nos anos 1950, por exemplo. O debate a respeito de pautas raciais aumentou exponencialmente, criaram a lei de cotas, colocaram a cultura afro-brasileira no currículo escolar

Os quadrinhos são uma excelente ferramenta para introduzir uma criança ao mundo literário, visto que a combinação das imagens com as palavras, na maioria dos casos, faz da leitura uma tarefa mais simples. E por causa da exagerada exposição a telas a simplificação da leitura tornou-se algo comum nos dias atuais,

pois, sabe-se que o uso excessivo de telas prejudica no desenvolvimento de crianças e adolescentes.¹⁴

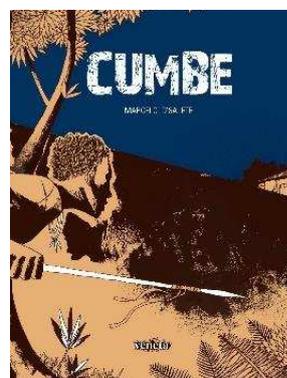
A literatura em quadrinhos agrada tanto à criança porque constitui um sistema que corresponde rigorosamente à sua natureza profunda, atende às suas necessidades orgânicas e aos seus interesses naturais. Daí a transformá-la num poderoso instrumento de educação vai apenas um passo. Na realidade, toda literatura infantil, como qualquer jogo, físico ou mental, constitui para a criança uma prática estimuladora do crescimento, um exercício útil para o desenvolvimento de suas aptidões e habilidades: a literatura em quadrinhos, entretanto, no que se concerne ao crescimento mental, é exercício mais funcional do que os outros, mais orgânico e natural, mais científico mesmo. ((ABRAHÃO, 1977 apud Neves, p60, 2022)

Figura 40: capa da HQ Angola Janga (2018)



Fonte: Laboratório Fantasma 2024

Figura 41: capa da HQ Cumbe (2014)



Fonte: Amazon, 2024

As obras Cumbe (figura 40) e Angola Janga (figura 41) são duas histórias premiadas que só ganharam vida graças ao avanços sociais ocorridos no Brasil. As duas HQs são do ilustrador e professor Marcelo D'Salete tem como protagonista a história de luta e resistência dos escravizados que foram trazidos para o Brasil.

¹⁴ Segundo especialistas, o limite de tempo para crianças estarem em contato com esses aparelhos são determinados pela faixa etária, sempre com supervisão:

- Menores de 2 anos: nenhum contato com telas ou videogames;
- Dos 2 aos 5 anos: até uma hora por dia;
- Dos 6 aos 10 anos: entre uma e duas horas por dia;
- Dos 11 aos 18 anos: entre duas e três horas por dia

Cumbe (2014) conta a história com o foco na resistência dos negros no período colonial. Já Angola Janga (2017) conta a história do Quilombo dos Palmares, o maior quilombo da América Latina e lugar por onde passou o quase mitológico Zumbi, o seu habitante mais conhecido.

A revista em quadrinhos Cumbe, criada por Marcelo D'Salete, é internacionalmente conhecida e premiada, tendo em vista que em 2018 ganhou o prêmio Eisner¹⁵ na categoria de melhor edição americana de material estrangeiro, além disso, de acordo com o ranking produzido por Rittenberg (2023) no site “Book Riot” a história é considerada uma das 22 maiores HQs da história. Sobre Cumbe Rittenberg (2023) diz o seguinte:

D'Salete assumiu a imensa tarefa de documentar a história do país do Brasil com o tráfico de escravos africanos. Ele segue histórias de fuga e resistência, revelando uma narrativa histórica pouco explorada. A obra de arte evoca particularmente o perigo e a coragem necessários para lutar contra o sistema opressivo de escravidão no Brasil.¹⁶ (tradução nossa)

A linguagem acessível e o tema inescapável de ambas as obras tornam as duas HQs uma ótima opção para se trabalhar na sala de aula. A conscientização dos alunos é imprescindível para a construção da identidade individual e coletiva da população negra no país.

“As HQs possuem uma linguagem fascinante ao agregar o texto escrito e a imagem, ao tempo em que possibilita ao aluno a produção de conhecimento desenvolvendo sua criatividade e o poder de síntese, possibilitando-o apresentar releitura, uma visão satírica, contestadora e crítica dos fatos abordados. (SEVERO e SEVERO, 2015, p.2)

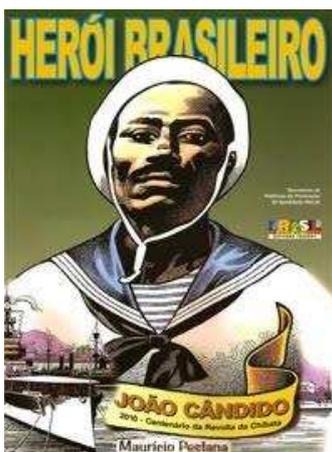
Por tanto, esta didática contribui grandemente para o aluno, pois justamente por ter essa certa facilidade e acessibilidade na comunicação, faz com que o leitor compreenda mais facilmente e desenvolva também sua habilidade de sintetizar o texto.

¹⁵ É a premiação mais conhecida dos quadrinhos. Criada em 1988, a premiação é conhecida popularmente como o “Oscar dos Quadrinhos”

¹⁶ No original: D'salete took on the immense task of documenting the country of Brazil's history with the African slave trade. He follows stories of escape and resistance, uncovering a narrative of history that is under-explored. The artwork is particularly evocative of the danger and courage that it took to fight against the oppressive system of slavery in Brazil. (Rittenberg, 2023)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) defende o uso das diversas ferramentas digitais para o ensino e formação da cidadania quando defende que é necessário: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BRASIL, 2018, PÁG. 9)

Figura 42: Capa da HQ sobre a biografia de Joao Candido

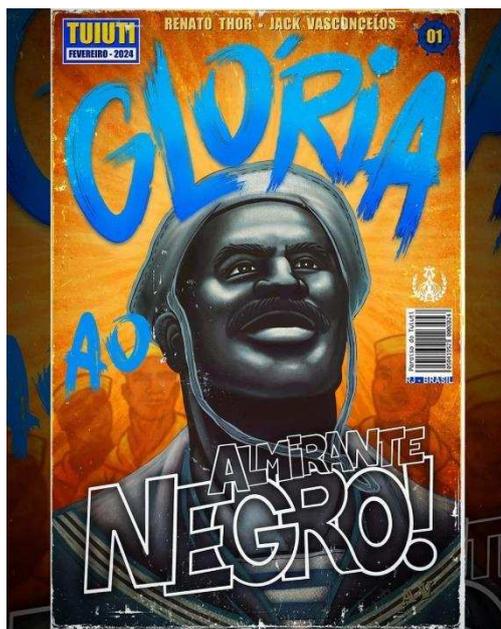


Fonte: Made in quadrinhos,2011

A inserção dos quadrinhos na sala de aula ocorreu de forma gradual e um evento que acelerou esse processo de inserção foi a criação da lei 10639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todo Brasil e incentivou produções artísticas e educacionais que cumprissem o que a lei pedia. A partir daí a aceitação dos quadrinhos como uma ferramenta pedagógica se tornou mais natural, sem tantas barreiras, pois, como afirma Neves, p62, 2022:

A utilização das revistas de quadrinhos em sala de aula tem vários benefícios como sabemos, desde o mais simples que seria tornar a aula mais divertida e mais próxima do aluno, mas também se insere na proposição de um ganho em capital cultural para esse aluno que através dessa metodologia de entretenimento terá referências culturais próximas e que fazem parte do seu cotidiano.

Figura 43: publicação de anúncio do enredo da escola de samba Paraíso do Tuiuti



Fonte: O batuque, 2023

A linguagem dos quadrinhos esteve presente no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. No desfile que ocorreu no carnaval de 2024 a escola Paraíso do Tuiuti homenageou João Candido, o almirante negro, na Marquês de Sapucaí. Segundo Cunha (2023) o título do enredo foi “Gloria ao almirante negro” (ver figura 43), a agremiação contou a história de resistência do marinheiro brasileiro perante os maus-tratos sofridos pelo seu colegas.

O carnavalesco Jack Vasconcelos explicou qual era sua intenção ao utilizar a linguagem dos quadrinhos ao apresentar João Cândido como enredo para o desfile: “A gente pensou muito no que poderia usar para facilitar essa linguagem a ser assimilada pelo público. (...) Desde o início eu pensei em mostrar o João Cândido de uma forma em que as pessoas entendam que estamos falando de um cara que é um herói.” (Santos, 2024).

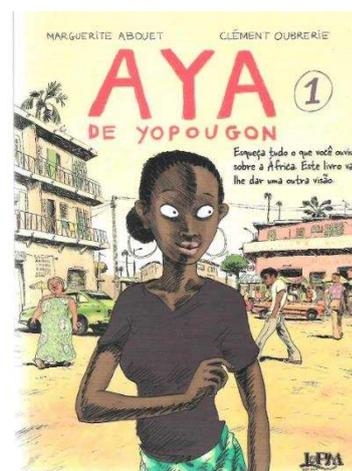
Esse acontecimento prova que o gênero textual que já foi assimilado socialmente, visto que foi utilizado de uma maneira singular. Não existe uma editora que lançou a HQ do almirante negro contada pela Paraíso do Tuiuti, foi apenas uma maneira de apresentar o enredo de uma simples encontrada pelo carnavalesco da escola.

Figura 45: imagem da autora Marguerite Aboutet



Fonte: L&PM Editores, 2024

Figura 44: capa da HQ Aya de Yopougon



Fonte: Aboutet e Oubrerie, 2009

A história em quadrinho Aya de Yopougon (figura 44) é uma ótima alternativa para mostrar aos alunos um retrato de África diferente da visão estereotipada que é trazida e produzida em terras tupiniquins. A criadora da história é a Marfinense Marguerite Aboutet (figura 45) “e é através do bom humor de Marguerite (...) que o leitor tem acesso a uma África diferente, uma sociedade ainda tradicional, mas completamente transformada pela urbanização, pelo capitalismo e pela liberação dos costumes.” (L&PM Editores, 2009).

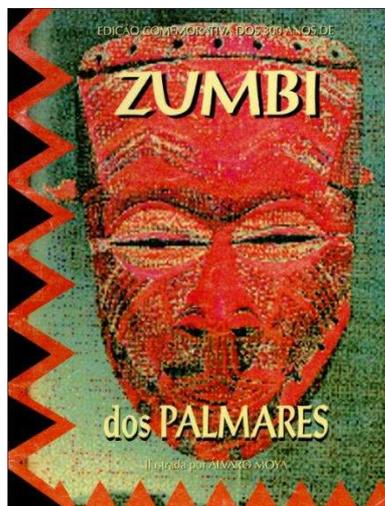
Aya de Yopougon conta a história de três amigas, Aya, Adjoua e Bintou, na transição da juventude para a vida adulta, aprendendo a entender e lidar com as consequências das próprias escolhas. Organizado em três partes, que correspondem aos anos de 1978, 1979 e 1980, o livro envolve a família das três meninas, bem como as relações na comunidade no bairro de Yopougon. (Chiaradia e Abboud, s.d, p7-8)

A obra de Marguerite Aboutet foi um sucesso premiado internacionalmente, pois, “Aya já vendeu 1 milhão de exemplares, foi publicado em 18 idiomas, e já se tornou animação indicada ao mais importante prêmio do cinema francês, o César, em 2014”. (Chiaradia e Abboud, s.d, p6-7). Apresentar uma obra produzida no continente africano certamente contribuirá para que tenhamos uma sociedade mais igualitária, pois, com a quebra de estereótipos uma nova maneira de se enxergar figuras negras surge.

É interessante destacar que, ainda assim, não é raro que a ideia de uma obra africana, para parte dos brasileiros, carregue consigo uma carga de estereótipos sobre o continente africano, além dos clichês que se revezam

entre a história da escravidão e a fome contemporânea. (Chiaradia e Abboud, s.d, p11)

Figura 46: capa da HQ Zumbi dos palmares



Fonte: Identidáfrica, 2024

Zumbi, o principal líder do Quilombo dos Palmares e principal ícone negro brasileiro é um personagem clássico e deve ser sempre mostrado nas escolas independentemente da disciplina. A obra escolhida que retrata a história de Zumbi é uma edição que marca os 300 anos da morte do líder de Palmares (ver figura 46) e foi criada por Álvaro Moya e Clóvis Moura no ano de 1995.

Sobre a criação do mito em torno da figura de Zumbi o autor Clóvis Moura (1995, p2) afirma que “Zumbi cresce, por isto, como afirmação política e autenticidade étnica, a medida que o tempo passa e os símbolos da história vão sendo reformulados a favor dos oprimidos e discriminados.

3.1 A Nova geração de HQs sobre a História Negra

Figura 47: Imagem do autor
Marcelo D'salete

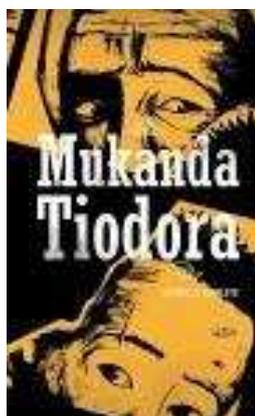


Fonte: Sedini, 2018

Marcelo D'Salete (figura 47) é um renomado quadrinista brasileiro. Suas principais são Cumbe, que “foi indicado ao HQMIX 2015 (categorias desenhista, roteirista e edição nacional) e Angola Janga, que foi “vencedor do prêmio Grampo 2018 e do Jabuti (Melhor História em Quadrinhos” (Veneta, Marcelo D' Salete, s.d). Mas essas não são as únicas criações do autor, D' Salete também criou Noite Luz (2008) que é considerado seu primeiro grande trabalho. Sobre Noite Luz, Floro (2024) afirma o seguinte:

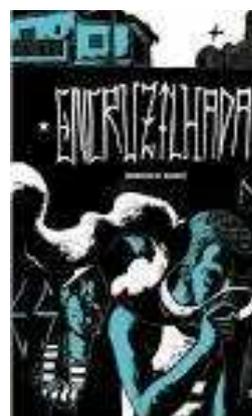
. Em Noite Luz, um dos seus primeiros trabalhos, já conseguimos ver um artista interessado em olhar para o sujeito marginal e periférico, mas inserido dentro do contexto de opressão dos centros urbanos, neste caso específico, uma São Paulo violenta, suja e repleta por um sentimento de fatalidade que parece inescapável

Figura 48: capa da HQ
Mukanda Tiodora



Fonte: Amazon, 2024

Figura 49: Capa da
HQ encruzilhada



Fonte: Amazon, 2024

Na obra Encruzilhada (figura 49) o paulista Marcelo D' Salete conta a história de uma São Paulo marginalizada, perto dos holofotes, mas invisível, ignorada. D' Salete retrata um lado da metrópole que é negligenciado pelo poder público. A sinopse revela um pouco do conteúdo que será encontrado na obra.

Duas crianças abandonadas nas ruas da cidade grande, uma garota de programa, um usuário de drogas, vendedores de DVDs piratas, um ladrão de carros: os personagens de Encruzilhada revelam a São Paulo, por trás dos anúncios de celulares, por trás das fachadas luminosas, para além da segurança dos shopping centers. (Livraria Simples, s.d)

Noite Luz (2008) e Encruzilhada falam sobre a sociedade contemporânea, toca em um universo mais próximo da vida do autor, que nasceu na cidade de São Bernardo do Campo, na região metropolitana de São Paulo; Cumbe e Angola Janga falam sobre a escravidão no Brasil e Mukanda Tiodora (figura 48) acaba misturando esses dois mundos, tendo em vista que é uma HQ baseada em história real que ocorreu por volta de 1860 na cidade de São Paulo, que ainda não estava nem perto de se transformar na metrópole que é hoje. ¹⁷

Também como em Angola Janga, esse livro traz vastas cronologia, bibliografia e documentação – dessa vez, com fotos e fac-símile das cartas de Tiodora. E, apesar de não se pretender historiador, a ficção de D'Salete é repleta desses efeitos de real (nessa leva neorrealista de que o Ramon fala logo abaixo) que, além de um recurso importante para brincar

¹⁷ De acordo com Prestes Filhos apud. Souza (2020, p367) em 1875 a cidade de São Paulo possuía cerca de 30 mil habitantes

com as fronteiras entre os fatos e o que D'Salete imagina a partir deles, nos fazem repensar a História como conhecemos. (Vital, 2023)

A HQ Mukanda Tiodora conta a história Tiodora Dias da Cunha. De acordo com Claudio Gabriel (2020) D'Salete conheceu a biografia da escravizada em meio às leituras de preparação para Angola Janga quando leu "Sonhos africanos, vivências ladinhas", da autora Cristina Wissenbach.

(...) uma mulher negra nascida no Congo e trazida para o Brasil como escravizada no século XIX. No ano de 1866, Tiodora contou com a ajuda de outro escravizado, Claro Antônio dos Santos, para escrever cartas tentando encontrar marido e filho e conquistar sua alforria. Claudio Gabriel (2020, O Globo)

D'Salete tem como objetivo com suas obras apresentar a história da época através dos personagens. O autor, como professor que é, sabe a importância de apresentar novas formas de aprender aos alunos e usa suas obras para tal. Em entrevista ao jornal O globo sobre Mukanda Tiodora, Marcelo D'Salete diz o seguinte:

Tudo é em volta dos protagonistas. É importante, para mim, que o leitor tenha acesso a esse contexto histórico todo a partir dos protagonistas. Em alguns instantes, os dilemas deles remetem a esse contexto maior do país. Fiz isso em outros trabalhos, trazer pessoas quase anônimas da nossa história para pensar diferentes contextos. Claudio Gabriel (2020, O Globo)

Todas as obras dele citadas nesse trabalho tem pelo menos um ponto em comum: o protagonismo negro. D'Salete conta suas histórias por um prisma contra hegemônico, que foge do senso comum em país racialmente complexo como o Brasil. A obra de Marcelo D'Salete dá voz aos negros. Marcelo D'Salete afirmou que

O nosso passado em grande parte ele é cortado, ele é fatiado. E Sempre numa tentativa de fazer com que a gente não tenha acesso a ele como um todo; isso atinge principalmente as populações periféricas, indígenas e negras. (...) E muitas vezes o acesso que a gente tem a essas narrativas é a partir de autores não negros, não indígenas, autores brancos. (Programa escrevendo o futuro, 2018)

Nessa explanação o autor estava se referindo as narrativas contadas sobre acontecimentos no século XVII, período histórico que é plano de fundo para suas duas principais produções: Cumbe e Angola Janga. Em uma entrevista ao programa

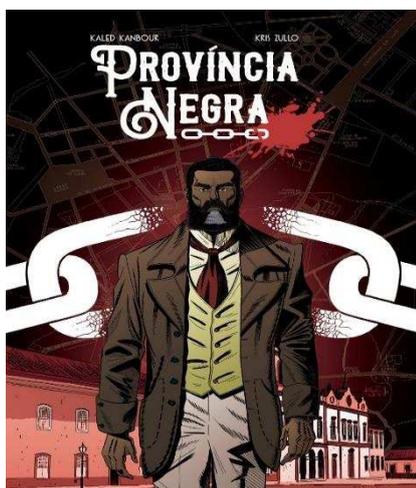
Diversidade e ciência em 2021, D'Saete diz que “existem poucas narrativas que tratam do período da escravidão de uma perspectiva negra”.

A falta de representatividade é uma dor real de povos marginalizados. Muitas vezes quem conta a história é um representante das classes dominantes e por mais bem intencionado que o indivíduo seja, nenhuma obra produzida dentro dos muros da academia substitui a dor da vivência.

Dentro das salas de aula atualmente as histórias em quadrinhos podem ser uma ótima ferramenta de apoio ao livro didático por fazer uma melhor junção entre a escrita e a imagem. Através dos quadrinhos as imagens ganham sentido e com a imaginação do leitor, ganham vida; fazer uma boa interpretação das imagens é essencial para a melhor compreensão da intenção que o autor coloca em sua história. Sobre a importância da correta interpretação de imagens Marcelo D'Saete afirma que:

As histórias em quadrinhos, hoje, eu considero que são uma ferramenta extremamente importante para a gente fazer essa desconstrução de imagens, para a gente aprender a ler imagens e para a gente favorecer essa crítica da imagem também com jovens e crianças ou de outros espaços de formação (Programa escrevendo o futuro, 2018)

Figura 50: Capa da HQ A província negra



Fonte: Universo HQ, 2020

Certamente Marcelo D'Saete é um dos principais nomes brasileiros da nova geração de quadrinistas, mas não é o único. Kaled Kanbour e Kris Zullo lançaram em 2020 o quadrinho de Província Negra (ver figura 50), que conta uma trama fictícia

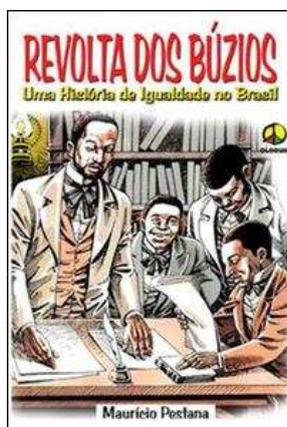
que se passa na São Paulo da década de 1860 em que o personagem principal é Luís Gama, um dos maiores ícones abolicionistas da história brasileira.

A edição retrata a cidade de São Paulo na metade do século 19, onde um personagem real da história, o advogado negro e abolicionista Luiz Gama, se vê envolvido injustamente no assassinato de um escravagista, o que o leva a escancarar a ideologia que sustentou a escravidão da época na sociedade brasileira, e que, de alguma maneira, ainda ecoa em nossos dias. (Naliato, 2020)

Maurício Pestana é outro quadrinista que merece ser citado, pois é dele a HQ que conta a história de João Cândido e da revolta da Chibata. Também é de sua autoria a obra “A revolta de Búzios” (2007) - ver figura 51.

Também conhecida como Conjuração Baiana e Revolta dos Alfaiates, a Revolta dos Búzios foi deflagrada na então capitania da Bahia em 12 de agosto de 1798, com caráter popular e defendendo a instauração de uma república na Bahia. O espírito abolicionista foi um dos pilares da conjuração, sob os ideais franceses da Igualdade, Liberdade e Fraternidade. (Naranjo, 2007)

Figura 51: Capa da HQ
A Revolta de Búzios



Fonte: Universo HQ, 2007

Todas essas revistas citadas são boas alternativas para tratar períodos diferentes da história. Este trabalho tem como foco as histórias contadas com um olhar que põe em evidência o povo negro, mas é preciso destacar que inúmeros temas podem ser tratados na sala de aula com o auxílio das HQs. Os quadrinhos não estão restritos a apenas um tema ou disciplina, pois, como afirma Neves (2022):

A historiografia passa por uma adaptação e mudança com o advento da Escola dos Annales que abriu os caminhos para o uso de

diferentes fontes históricas. As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas de diversas maneiras, por exemplo, elas contam muito sobre a época em que foram escritas e quais os paradigmas que a sociedade em questão enfrentava no contexto em que foram produzidas. (Neves, p62 ,2022)

Além de fonte histórica os quadrinhos também podem servir como um instrumento interdisciplinar, visto que existe uma gama de temas trabalhados nos quadrinhos. Há a HQ em homenagem a João Cândido, o almirante negro, mas há também as tirinhas de Mafalda, um gênero diferente do Gibi tradicional, mas que também tem sua importância, dependendo sempre do tema e da forma que o professor deseja trabalhar com esse tipo de material.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país tão diverso como o Brasil, a representação da história negra nas histórias em quadrinhos desempenha um papel fundamental na construção de narrativas culturais e na promoção da compreensão das experiências da comunidade negra. Esta pesquisa apresentou referências que trazem a relevância das narrativas de resistência e identidade presentes nas histórias em quadrinhos que abordam a história negra do Brasil.

Ao longo deste estudo, analisamos a forma que as representações da história negra nas histórias em quadrinhos brasileiras foram feitas no decorrer do tempo, destacando personagens, criadores e obras que desempenharam um papel crucial na promoção de uma narrativa mais inclusiva e precisa. Nossa análise revelou como as histórias em quadrinhos podem ser uma poderosa ferramenta na luta contra o racismo e na celebração da cultura afro-brasileira.

Através das histórias em quadrinhos, as vozes da comunidade negra ganham destaque, proporcionando um espaço para a expressão de identidade, memória e resistência. Personagens icônicos como João Cândido e Zumbi dos Palmares desempenham papéis fundamentais na promoção de narrativas que celebram a rica herança cultural da comunidade negra, ao mesmo tempo em que desafiam estereótipos prejudiciais.

É importante reconhecer que as histórias em quadrinhos não são apenas um reflexo da sociedade, mas também têm o poder de moldar o inconsciente coletivo das pessoas sobre a história e identidade negra no Brasil. Portanto, os criadores, ilustradores e escritores desempenham um papel primordial na construção de uma narrativa mais inclusiva e precisa.

A pesquisa também demonstrou que as histórias em quadrinhos podem ser uma ferramenta valiosa na educação e na promoção do diálogo sobre questões raciais. O impacto da representação positiva e precisa na mídia, como os quadrinhos, transcende a página e contribui para uma sociedade mais consciente e justa.

Em conclusão, esta monografia destaca a importância das narrativas de resistência e identidade na representação da história negra do Brasil nas histórias em

quadrinhos. O trabalho realizado reforça a necessidade contínua de promover uma representação diversificada e inclusiva na cultura pop, reconhecendo que as histórias em quadrinhos desempenham um papel vital na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao celebrar as vozes e experiências da comunidade negra, as histórias em quadrinhos continuam a ser um veículo poderoso na promoção da compreensão e da valorização da rica herança da história negra do Brasil. Este estudo é um passo em direção a uma maior apreciação e respeito pelas contribuições da comunidade negra para a cultura e a identidade brasileira, destacando o poder transformador das narrativas de resistência e identidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Antonio Frederico de Castro, **Navio Negroiro**, São Paulo, 1869.

BANKHURST, Adam. **IGN. The 15 Highest Grossing Movies of All Time**, 2024.

Disponível em: <https://www.ign.com/articles/highest-grossing-movies-of-all-time>

Acesso em: 9 fev. 2024.

BEZERRA, Juliana. Navios Negreiros. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/navios-negreiros>. Acesso em: 8 fev.2024.

BODART, Cristiano. Café com Sociologia. **Cultura de Massa**. 2012. Disponível em:

<https://cafecomsociologia.com/cultura-de-massa/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

BRASIL. Decreto nº847. Código Penal Dos Estados Unidos Do Brazil.1890. Disponível

em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm)

[1899/D847.htmimpressao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm) Acesso em: 01 fev. 2024.

BRASIL. **Lei das Contravenções Penais**. Decreto-lei nº3688, 1941. Disponível em

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm Acesso em: 01 fev.

2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

BRASIL. **Projeto de lei nº 1332/82**. Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=190742>

Acesso em 17 abr. 2024.

CAIXETA, Sharmaine Pereira. **Anos Dourados: A Mulher-Maravilha e o papel da**

mulher norte-americana durante a 2º Guerra Mundial. In: LIMA, Jefferson et al.

(Org.). Anais do fórum nacional de pesquisadores em arte sequencial em Leopoldina

-MG.2012. p. 30-40.

CAMATA, Manuela Brito Tiburtino; COSTA, Eliane Gonçalves da. **A Perspectiva**

histórica da Lei 10.639/03 -Movimentos, cenários e percursos. Kiri-kerê,

Universidade Federal do Espírito Santo, ano 2021, p. 180-193. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/27911/24325>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CARDOSO, Athos Eichler. **Memórias d'O Tico-Tico Juquinha, Giby e Miss Shocking. Quadrinhos brasileiros 1884 – 1950**. Brasília: Senado Federal, v. 123, 2013.

CARDOSO, Athos Eichler. **Zé Caipora: o resgate de um herói perdido**, p04, s.d.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, p. 117–133, set. 2003.

CIRIACO, Douglas. Canaltech. **Parecido, mas não igual**: entenda as diferenças entre nerds e geeks. Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/diferencas-entre-nerd-e-geek-46381/> Acesso em: 17 abr. 2024.

CHAVES, Ricardo. A saudosa revista infantil O Tico-Tico, GZH Almanaque, 2017. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/09/a-saudosa-revista-infantil-o-tico-tico-9899906.html> acesso em 30 Jan.2024.

CHIARADIA, Kátia; ABBOUD, Marcella. **MANUAL DO PROFESSOR: Aya de Yopougon**. Newtec.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Doi:10.11606/T.27.2013.tde-21082013-155848. Acesso em: 01 Fev.2024.

CUNHA, Milton. Enredo e Samba: Paraíso do Tuiuti desfila pelo reconhecimento de João Candido como herói brasileiro, G1, 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2024/noticia/2023/12/22/enredo-e-samba-paraiso-do-tuiuti-desfila-pelo-reconhecimento-de-joao-candido-como-heroi-brasileiro.ghtml> Acesso em 20 fev.2024.

D'ANGELO, Helô. **Mulher-Maravilha: uma biografia não autorizada**. Disponível em <https://super.abril.com.br/cultura/mulher-maravilha-uma-biografia-nao-autorizada>, 2016. Acesso em 15 fev.2024.

DIETRICH, Elise. **Ziraldo's A turma do Pererê**: representation of race in a brazilian children's comic. The African Diaspora In Brazil, x: The Afro-Hispanic Review, ano

2010, p. 143-160. Disponível em: https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA362065737&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=02788969&p=LitRC&sw=w&userGroupName=mlin_oweb&isGeoAuthType=true&aty=geo. Acesso em: 3 fev. 2024.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>. Acesso em 17 de Abr. 2024.

ENTREVISTA com Marcelo D'Saete - Parte 1. 2018. 1 vídeo (17,46min). Publicado pelo Programa rescrevendo o futuro. Disponível em: https://youtu.be/D8r8uvJaNtw?si=L26MeX-W_sdVID5 Acesso em: 26 fev. 2024.

ERIC P. NASH. New York Times. **Jack Liebowitz, Comics Publisher, Dies at 100**. Nova Iorque, 2000. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2000/12/13/nyregion/jack-liebowitz-comics-publisher-dies-at-100.html>. Acesso em: 9 fev. 2024.

FALCÃO, Nano. **Millennium Edition - 80 Anos da revista DETECTIVE COMICS!**, hq Vintage, 2017. Disponível em <https://hqvintage.blogspot.com/search/label/Detective%20Comics> Acesso em 15 fev.2024.

FERREIRA, Campos Rebeca. **Maquiar ator branco com tinta preta é uma forma de racismo? Sim: Rebeca Campos Ferreira: "A historicidade do blackface não é a absolvição do racismo que carrega"**. Época, 2015. Disponível em <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/maquiar-ator-branco-com-tinta-preta-e-uma-forma-de-racismo-sim.html> Acesso em 02 fev 2024.

FLORO, Paulo. **"Noite Luz", de Marcelo D'Saete: entre a brutalidade e o sonho**, Revista O grito, 2024. Disponível em <https://revistaogrito.com/noite-luz-de-marcelo-dsaete-critica/> Acesso em 27 fev.2024.

FONSECA, Rodrigo. **Pererê de Ziraldo ganha reedições, série para celular e longa dirigido por Marcos Magalhães**, Jornal O Globo, 2011. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/perere-de-ziraldo-ganha-reedicoes-serie-para-celular-longa-dirigido-por-marcos-magalhaes-2936399> Acesso em 26 Jan.2023.

FREITAS, Lucas. **Desvendando o Nanquim: A Cor que Conta Histórias**, Rabisco da história. Disponível em <https://rabiscodahistoria.com/desvendando-o-nanquim-a-cor-que-conta-historias/> Acesso em 31 Jan.2024.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Coleção Vida Fluminense, Rio de Janeiro,1969. Disponível em <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709662&pagfis=597> acesso em 30 Jan.2024

GABRIEL, Cláudio. **HQ conta história de Tiodora Dias, escravizada que usou cartas para encontrar sua família e obter a alforria**, O Globo, 2022. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/12/hq-Conta-historia-de-tiodora-dias-escravizada-que-usou-cartas-para-encontrar-sua-familia-e-obter-a-alforria.ghtml> Acesso em 15 fev.2024

GASPARETTO JR, Antônio. **Marvel Comics**. Infoescola. Disponível em <https://www.infoescola.com/empresas/marvel-comics/> Acesso em 20 de fev.2024.

GONÇALO JR. **A guerra dos gibis- a formação do mercado editorial brasileiro e a censura dos quadrinhos, de 1933 s 1964: edição revista e ampliada**. São Paulo, editora Conrad, 2023.

GONÇALVES, Ferreira Roberta; GOMES, Ivan Lima. **Imagens de uma República infantil: Angelo Agostini nas revistas O Malho e O Tico-Tico**. Revista Maracanan, vol. 12, n.14, p. 225-240, jan/jun2016 ISSN-e:2359-0092 Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/20871/15297> Acesso em 30 Jan.2024

HERO Status: An interview with Jenette Kahn. The Folio Society, 2023. Disponível em <https://www.foliosociety.com/ca/blog/hero-status-an-interview-with-jenette-kahn/> Acesso em 20 de fev.2024

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - Museu Imperial. **Revista Ilustrada**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/4551>. Acesso em: 17 abr. 2024.

LOPES, Larissa. **Como as histórias em quadrinhos surgiram e se tornaram tão populares**. Revista Galileu, O Globo, 2020. Disponível em

<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/01/como-historias-em-quadrinhos-surgiram-e-se-tornaram-tao-populares.html> Acesso em 10 de fev.2024

L&PM EDITORES. Aya de Yopougon: uma outra visão da África. L&PM Editores. Porto Alegre, 2009. Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805136&SecaoID=816261&SubsecaoID=0&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=250806. Acesso em: 23 fev. 2024.

LOTUFO, C. A.; SMARRA, A. L. S.; SILVA, L. F. da; GOMES, N. dos S. As aventuras de Nhô Quim: O Marco Histórico dos Quadrinhos no Mundo. 9ª Arte, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 15-41, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/2316-9877.2021.v9i2.153373>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/153373>. Acesso em 20 de Fev.2024

MACHADO, Leandro. BBC News Brasil. **Frente Negra**: a história do movimento que apoiava o integralismo e foi pioneiro do ativismo negro no país. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53000662> Acesso em: 17 abr. 2024.

MAIA, Cinthia Nolácio de Almeida. **Movimentos negros e lei 10639/2003**: alguns apontamentos da luta desses movimentos em torno da educação. XIII Encontro estadual de história- Histórias e mídia: Narrativas em disputa, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1601414435_ARQUIVO_2a71509bf33936c1c1aba56f11fda474.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

MARQUA, Philipp. BOL-Brasil online. **O longo caminho dos super-heróis negros nos quadrinhos**. 2020. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2020/07/05/o-longo-caminho-dos-super-herois-negros-nos-quadrinhos.htm>. Acesso em: 2 fev. 2024.

MARQUES, Claudio. Pretos e pardos chegam a postos de liderança, mas ainda são minoria: apenas 4,7% dos brasileiros que se declaram negros estão em cargos de alto escalão. Mudança passa por ações afirmativas. Jornal O Globo, São Paulo, 2023.

MOTA, PH. DC Comics – **Origem e história da editora de quadrinhos. Segredos do mundo**, 2020. Disponível em <https://segredosdomundo.r7.com/dc-comics-historia/> Acesso em 12 de fev.2024

NALIANATO, Samir. **Província Negra marca estreia de editora e terá lançamento na Biblioteca Mário de Andrade**, universo hq,2020. Disponível em <https://universohq.com/noticias/provincia-negra-marca-estrela-de-editora-e-tera-lancamento-na-biblioteca-mario-de-andrade/#:~:text=O%20lan%C3%A7amento%20acontecer%C3%A1%20no%20pr%C3%B3ximo,%2C%20em%20S%C3%A3o%20Paulo%2FSP>. Acesso em 25 fev.2024.

NARANJO, Marcelo. **Pestana lança álbum em quadrinhos sobre a Revolta dos Búzios**, Universo hq, 2007. Disponível em <https://universohq.com/noticias/pestanda-lanca-album-em-quadrinhos-sobre-a-revolta-dos-buzios/> Acesso em 25 fev.2024

NEVES, Amanda Cristina Amorim Silva. **A HISTÓRIA EM QUADRINHOS:UM INSTRUMENTO POSSÍVEL E NECESSÁRIO**. 29 de abril: revista de história. Ano 2022, p. 51-67, 2 dez. 2022. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/revhist29abril/article/download/60882/751375155299/> . Acesso em: 3 mar. 2024.

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni. **Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da corte à capital federal (1864 - 1910)**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15092006-231444/en.php> Acesso em: 30 Jan.2024.

OLIVEIRA, Mallu. **Lanterna Verde (John Stewart) - Quadrinhos e racismo**. Nerd Speaking, 2021. Disponível em <https://nerdspeaking.com.br/lanterna-verde-john-stewart-quadrinhos-e-racismo/> acesso em 02 fev.2024

OLIVEIRA, Mallu. **TEMPESTADE (X-Men) | Quadrinhos e Racismo**. Nerd Speaking, 2021. Disponível em <https://nerdspeaking.com.br/tempestade-xmen-quadrinhos-e-racismo/> acesso em 02 fev.2024

PANTERA Negra | Quadrinhos e Racismo, **Nerd Speaking**, 2021. Disponível em <https://nerdspeaking.com.br/pantera-negra-quadrinhos-e-racismo/> Acesso em 02 fev.2024

PINHO, Osmundo. Portal contemporâneo da américa latina e caribe. **Black Power**. Publicado por: sites USP. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-black-power#>. Acesso em: 17 abr. 2024.

PRINCIPAIS prêmios de quadrinhos do mundo. **Fora do Plástico**, 2022. Disponível em <https://foradoplastico.com.br/os-principais-premios-de-quadrinhos-ao-redor-do-mundo/> Acesso em 26 fev.2024.

RACIONAIS MC's. **Negro drama**. São Paulo, Boogie Naípe, 2006. Disponível em <https://open.spotify.com/track/0YG19EaGbGtN7m8xVzgEGv?si=6lrbLFSTTuOQYDTkJhWkSg> Acesso em 02 fev.2024.

RITTENBERG, Julia. **Book Riot. 22 of the Best Graphic Novels of All Time**. 2023. Disponível em: <https://bookriot.com/best-graphic-novels-of-all-time/> Acesso em: 26 fev. 2024.

SANTOS, Lucas. **Série Barracões: Na volta de Jack, Tuiuti vai mostrar, através de uma estética épica e cinematográfica, João Cândido como grande herói brasileiro**. Carnavalesco, 2024. Disponível em https://carnavalesco.com.br/serie-barracoes-na-volta-de-jack-tuiuti-vai-mostrar-atraves-de-uma-estetica-epica-e-cinematografica-joao-candido-como-grande-heroi-brasileiro/?fbclid=IwAR06Foz_gshDfW2-RE4rWN6-aUMFKUvLtgelw9TKMxykju_xjmg7LfnTRTc Acesso em 22 fev.2024

SETUBAL, Flávia Meneguelli Ribeiro; REBOUÇAS, Moema Lúcia Martins. **Quadrinhos e educação: uma relação complexa**. *Revista Brasileira de História de Educação*, vol. 15, núm. 1, enero-abril, 2015, pp. 302-334. Sociedade Brasileira de História da Educação, Maringá, Brasil.

SEVERO, M.F.S.; SEVERO, D.F. **As HQs como ferramenta pedagógica em sala de aula**. *Revista Incelências*, v. 4, n.1, jan/jun, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Crianças no celular: Saiba o tempo ideal para cada idade**, 2022. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/criancas-no-celular-saiba-o-tempo-ideal-para-cada-idade/> Acesso em: 6 mar. 2024.

SOUZA, Guilherme Ribeiro de. **A história da cidade de São Paulo contada por números: um estudo acerca do crescimento populacional da capital paulistana desde a sua fundação até o início do século xxi**. In: XI congresso de história econômica - economia de guerra: geopolítica em tempos de pandemia e crise sistêmica, 2020. p. 358-381, Disponível em: <https://congressohistoriaeconomica.fflch.usp.br/sites/congressohistoriaeconomica.fflch.usp.br/files/publicacoes/XI-congresso-2020-anais-eletronicos-Guilherme-Ribeiro-de-Souza.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SOUZA, Murilo. **Número de deputados pretos e pardos aumenta 8,94%, mas é menor que o esperado: Emenda constitucional estabeleceu incentivos para candidaturas de negros e mulheres**. Agência Câmara de Notícias, 2022. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/911743-numero-de-deputados-pretos-e-pardos-aumenta-894-mas-e-menor-que-o-esperado/>. Acesso em 02 fev. 2024

SOUSA, Tamara Lopes de. **A Representatividade Negra da Personagem Killmonger no Filme Pantera Negra**. In: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2021, Pernambuco, 2021. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-ci/tamara-lopes-de-sousa.pdf> acesso em 02 fev. 2024

VERGUEIRO, Waldomiro. Et all. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Informação e Contemporaneidade: perspectivas**. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; LARA, Marilda Lopes Ginez de; NORONHA, Daisy Pires. (Org.). Informação e Contemporaneidade: perspectivas: Perspectivas. Recife: Nectar, 2007. p. 287-308.

VERGUEIRO, Waldomiro; CHINEN, Nobuyoshi. **De servical a senhor de sua própria história: um olhar sobre a representação do negro nos quadrinhos brasileiros**. The African Diaspora In Brazil. The Afro-Hispanic Review, ano 2010, p. 127-142,

Disponível em:

https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA362065754&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=02788969&p=LitRC&sw=w&userGroupName=mlin_oweb&aty=ip Acesso em: 3 fev. 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro. Et all. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VILELA, Gustavo. Lei de 1941 considera ociosidade crime e pune 'vadiagem' com prisão de 3 meses: Num país com histórica falta de trabalho para pobres, há 75 anos pessoas sem documentos passaram a ser presas como 'vadias'. Em 1975, 'crime' era o 2º mais praticado. Acervo O Globo, 2016, Rio de Janeiro. Disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/lei-de-1941-considera-ociosidade-crime-pune-vadiagem-com-prisao-de-3-meses-14738298> Acesso em 01 fev. 2024.

VILELA, Túlio. Quadrinhos e neocolonialismo: Mandrake, Lothar, ambiguidade e preconceito. 2011.

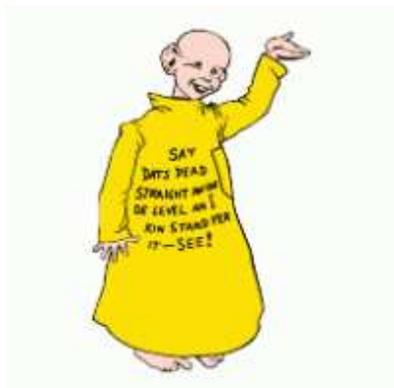
Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/quadrinhos-e-neocolonialismo-mandrake-lothar-ambiguidade-e-preconceito.htm> Acesso em: 16 dez.2023

VITRAL, Ramon. **Prêmio Grampo 2023 de Grandes HQs – O resultado final: as 20 HQs mais votadas.** Vitralizado, 2023. Disponível em <https://vitralizado.com/hq/premio-grampo-2023-de-grandes-hqs-o-resultado-final-as-20-hqs-mais-votadas/> acesso em 26 fev.2024.

YUGIE, Claudio. **Saiba mais sobre o Falcão e sua jornada como Capitão América nas HQs da Marvel,** Canaltech, 2021.

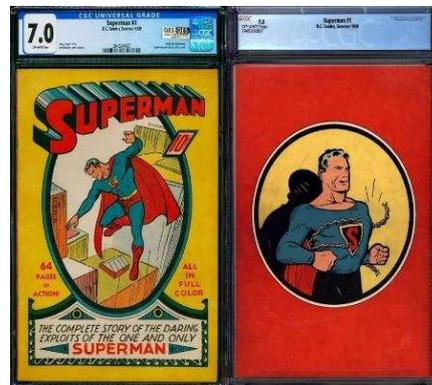
6. ANEXOS

Figura 1: O menino Amarelo



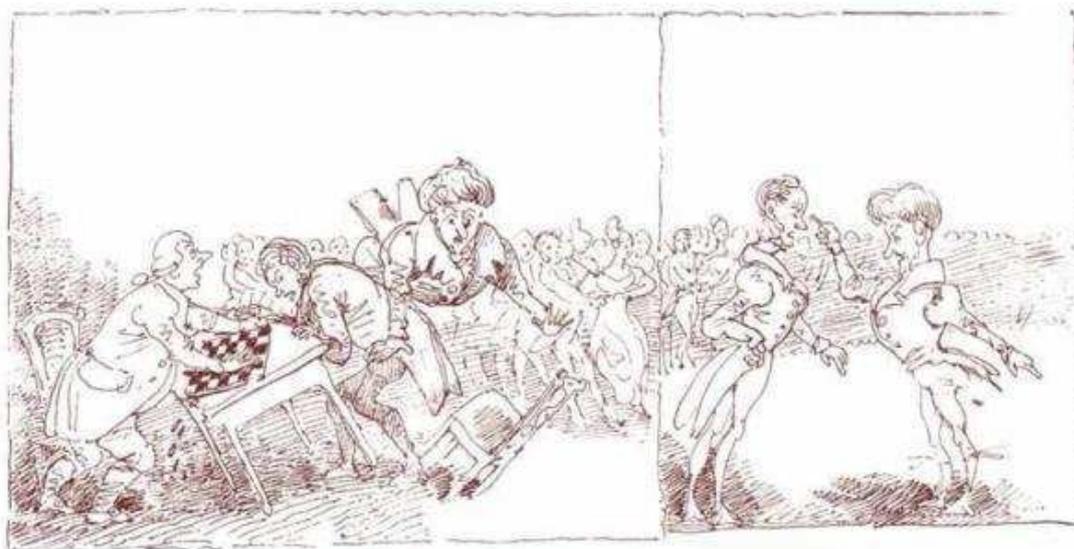
Disponível em: <https://seeklogo.com/vect>

Figura 52: capa de Superman #1 (1939)



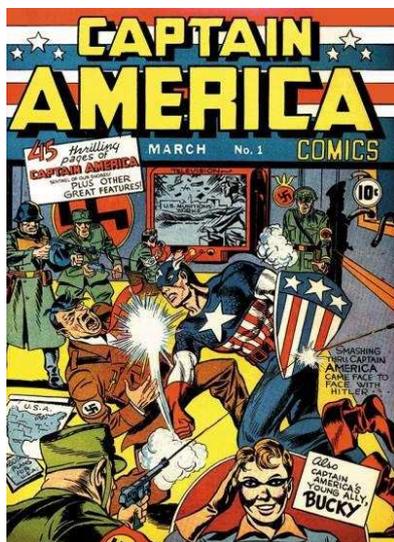
Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2019/12/18/cinema-e-streaming/leiloadap-quase-r-800-mil-capa-do-super-homem-bate-recorde/>

Figura 3: Trecho do livro 'Monsieur Jabot', considerada a primeira HQ publicada no mundo, de Rodolphe Topffer.



Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/hq-1833-traducao-brasileira/>

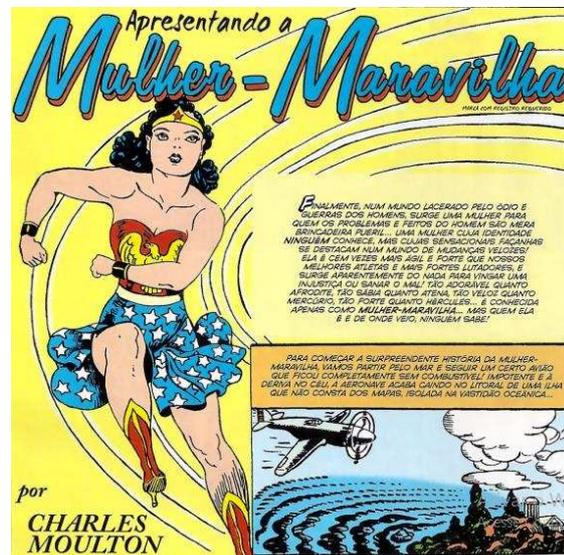
Figura 5: capa da HQ 'Captain América Comics' (1941) nº1



Disponível em:

<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/captain-america-comics-%281941%29-n-1/1865/20846>

Figura 4: primeira aparição da Mulher Maravilha (1941)



Disponível em:

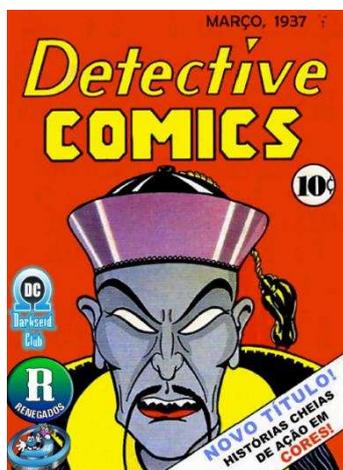
<https://hqvintage.blogspot.com/2017/04/all-star-comics-08-revista-com-primeira.html>

Figura 6: Mulher Maravilha era tratada apenas como uma secretária nas primeiras aparições na HQ da sociedade da Justiça da América



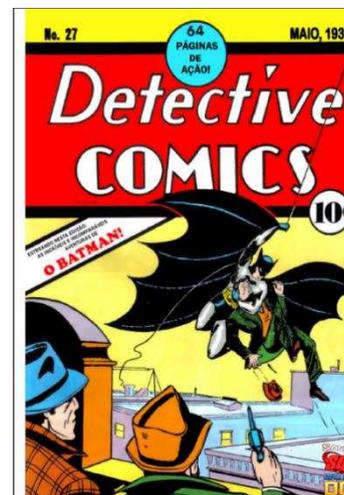
Disponível em <https://super.abril.com.br/cultura/mulher-maravilha-uma-biografia-nao-autorizada>

Figura 7: primeira edição da revista Detective Comics (1937)



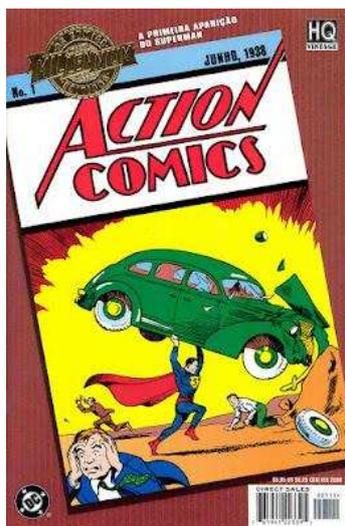
Disponível em <https://hqvintage.blogspot.com/2017/10/millennium-edition-80-anos-da-revista.html>

Figura 53: Detective Comics #27, a primeira aparição do Batman. (1939)



Disponível em <https://hqvintage.blogspot.com/2014/06/detective-comics-27-primeira-aparicao.html>

Figura 9: Action Comics #01, a primeira aparição do Superman (1938)



Disponível em <https://hqvintage.blogspot.com/2018/09/millennium-edition-action-comics-01.html>

Figura 10: evolução dos logos da DC Comics



Disponível em https://dcheroesrpg.fandom.com/wiki/DC_Comics

Figura 11: Imagem de Janette Khan, histórica chefe da ...



Disponível em <https://protytwo.tumblr.com/post/142053200669/she-changed-comics-jenette-kahn>

Figura 12: evolução dos logos da Marvel



Disponível em <https://marcas-logos.net/marvel-comics-logo/>

Figura 13: capa da Marvel Comics #1 (1939)



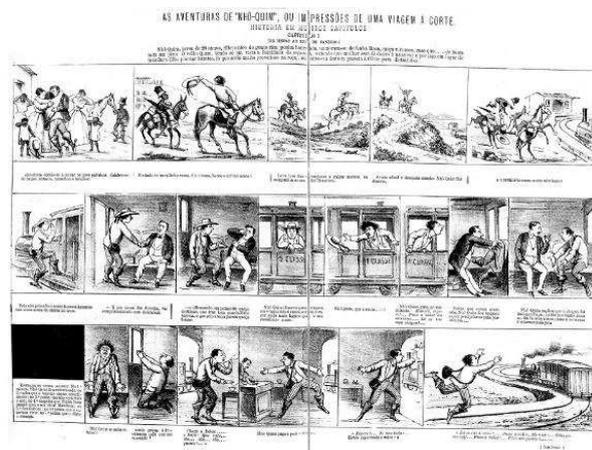
Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/marvel-comics-%281939%29-n-1/764/9248>

Figura 14: aparição de Stan Lee no filme homem aranha 3



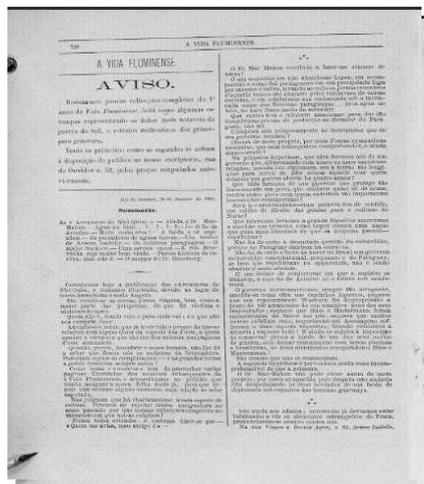
Disponível em <https://br.ign.com/stan-lee/65465/feature/as-melhores-aparicoes-de-stan-lee-nos-filmes-da-marvel>

Figura 15: trecho da HQ “As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte” (1869)



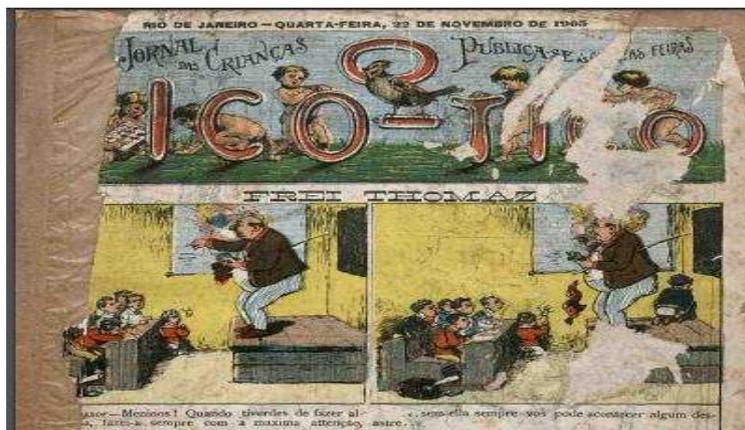
Disponível em <https://jornal.usp.br/ciencias/as-aventuras-de-nho-quim-sao-marco-historico-dos-quadrinhos-no-brasil-e-no-mundo/>

Figura 16: anuncio da publicação HQ “Aventuras de Nhô Quim” feita pela revista fluminense



Disponível em https://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1869_00057.pdf

Figura 17: Logo da revista O tico-tico feito por Angelo D'agostini.



Disponível em https://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1905_00001.pdf

Figura 18: capa da última edição da revista O Tico Tico



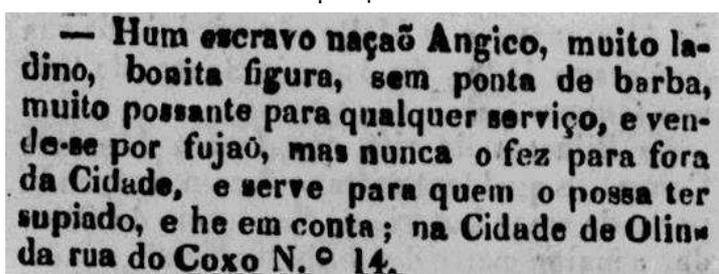
Disponível em
https://memoria.bn.br/pdf/153079/153079_1961_02097.pdf

Figura 19: Imagem de Angelo Agostini



Disponível em
<https://www.guiadasartes.com.br/angelo-agostini/imagens>

Figura 20: Anúncio de um escravizado publicado no Diário de Pernambuco em 1830, em que anuncia: “vende-se por [ser] fujão”. O termo “ladino” significava que, apesar de o escravo ser africano, ele já dominava o idioma e os costumes



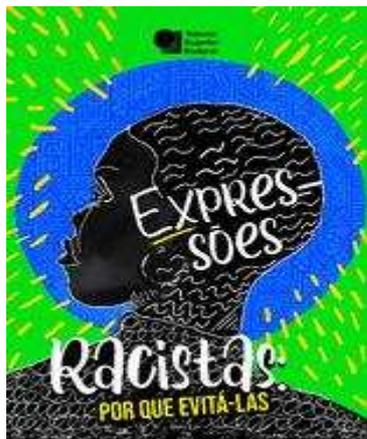
Disponível em:
<https://www.intercept.com.br/2019/07/15/baquaqua-escravidao-brasil-elite/>

Figura 21: Matéria do Jornal Gazeta de Notícias anunciando a extinção da escravidão no Brasil



Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/lei-aurea/>

Figura 22: Capa da cartilha Expressões racistas: como evitá-las, publicada pelo TSE



Disponível em <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/11048>

Figura 23: logo da revista de quadrinhos brasileira Gibi



Disponível em <https://nanquim.com.br/gibi/>

Figura 25: Da direita para a esquerda – as mudanças no desenho do personagem Jeremias



Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/113153009361913738/>

Figura 24: Lothar, o primeiro personagem negro a ter destaque nos quadrinhos americanos



Disponível em: <https://historyofblacksuperheroes.com/lothar-ultimate-sidekick-to-mandrake-the-magician/>

Figura 26: primeira aparição do Pantera negra em uma HQ da Marvel (1961)



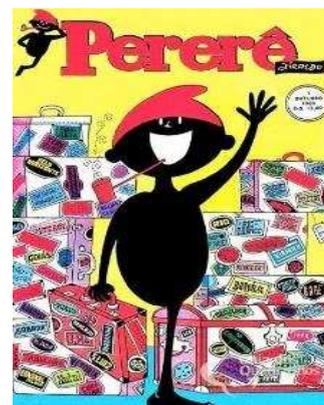
Disponível em <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/fantastic-four-%281961%29-n-52/100/3494>

Figura 28: trecho da edição de nº 52 da HQ Fantastic Four.



Disponível em <https://nerdspeaking.com.br/pantera-negra-quadrinhos-e-racismo/>

Figura 27: capa da revista Pererê, 1960



Disponível em [http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/perere-n-1-\(fac-simile\)/ki005100/88541](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/perere-n-1-(fac-simile)/ki005100/88541)

Figura 29: capa da revista Jungle Action (1975)



Disponível em https://www.researchgate.net/figure/Figura-6-Primeira-edicao-de-Jungle-Action-com-aparicao-do-Pantera-Negra_fig4_353426485

Figura 30: Primeira aparição de Tempestade, em giant size X-Men (1975)



Disponível

<https://nerdspeaking.com.br/tempestade-xmen-quadrinhos-e-racismo/>

em:

Figura 31: Lanterna Verde (1972)



Disponível

em

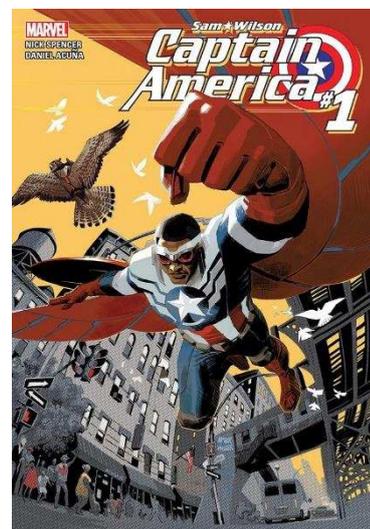
<https://nerdspeaking.com.br/lanterna-verde-john-stewart-quadrinhos-e-racismo/>

Figura 32: trecho da capa da HQ Capitain america and the Falcon (1971)



Disponível em <https://nerdspeaking.com.br/falcao-marvel-quadrinhos-e-racismo/>

Figura 33: capa da primeira edição da HQ Capitain America, a primeira vez que Sam Wilson usou o manto



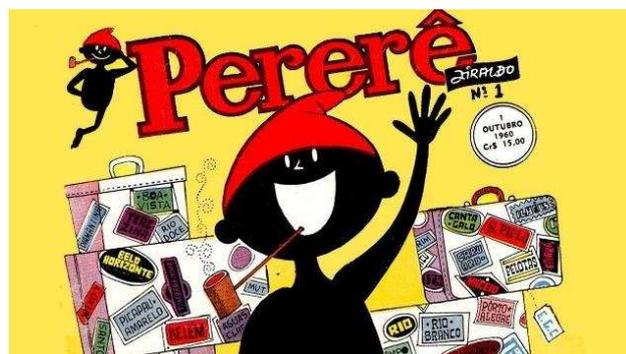
Disponível em

<https://canaltech.com.br/quadrinhos/saiba-mais-sobre-o-falcao-e-sua-jornada-como-capitao-america-nas-hqs-da-marvel-180831/>

Figura 34: imagem de Giby, personagem da revista O Tico-tico



Figura 35: o Pererê



Disponível em <https://darkside.blog.br/mais-de-150-anos-das-historias-em-quadrinhos-no-brasil/>

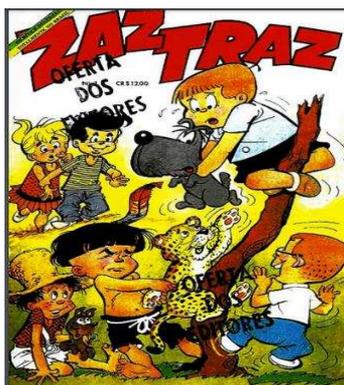
Disponível em: CARDOSO, Athos Eichler. **Memórias d'O Tico-Tico Juquinha, Giby e Miss Shocking. Quadrinhos brasileiros 1884 – 1950.** Brasília: Senado Federal, v. 123, 2013.

Figura 37: primeira aparição de Jeremias nos quadrinhos



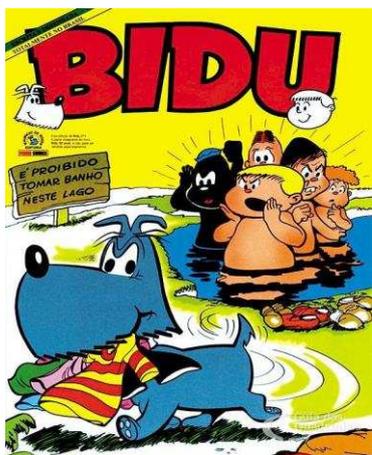
Disponível em: <https://downloaddehq.s.blogspot.com/2021/03/zaz-traz-1960-1961-mauricio-de-sousa.html>

Figura 36: capa da revista Zaz Traz (1960)



Disponível em: <https://downloaddehq.s.blogspot.com/2021/03/zaz-traz-1960-1961-mauricio-de-sousa.html>

Figura 38: capa da revista Bidu (1960)



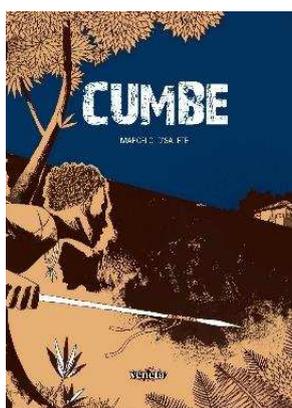
Disponível em:
<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/bidu-n-1/bi189100/28249>

Figura 39: imagem de padre Arlindo Vieira



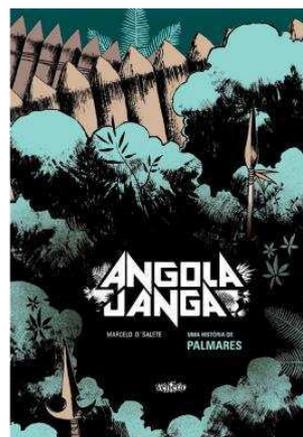
Disponível em:
<https://www.diogodevasconcelos.mg.gov.br/institucional.php?institucional=1>

Figura 40: capa da HQ Cumbe (2014)



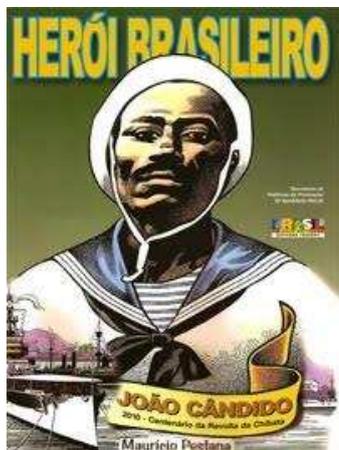
Disponível em:
<https://www.amazon.com.br/Cumbe-Marcelo-dSalete/dp/8595710201>

Figura 41: capa da HQ Angola Janga



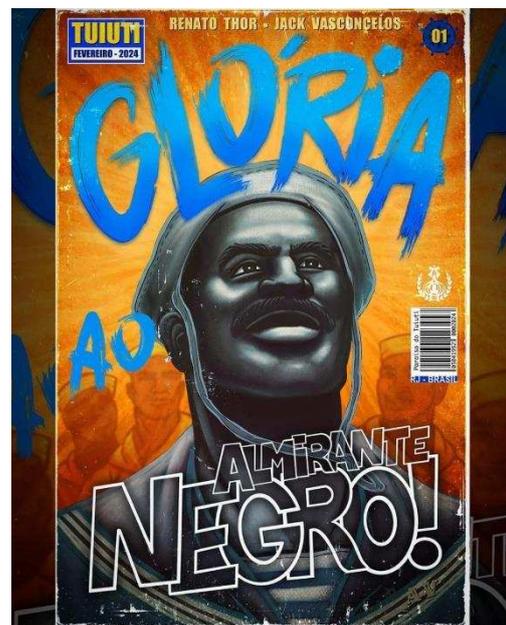
Disponível em:
<https://www.laboratoriofantasma.com/livro-angola-janga?v=65f3925dc94c4>

Figura 42: Capa da HQ sobre a biografia de Joao Candido



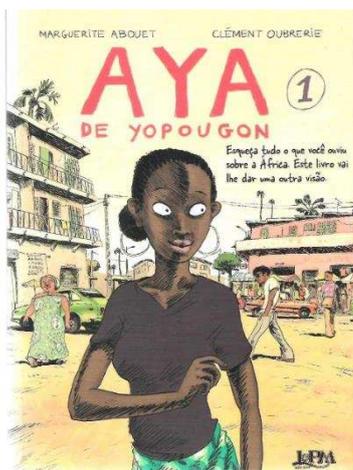
Disponível em <https://madeinquadrinhos.blogspot.com/2011/01/home-nagem-revolta-da-chibata.html?m=1>

Figura 43: publicação de anúncio do enredo da escola de samba Paraíso do Tuiuti



Disponível em <https://obatuque.com/joao-candido-o-almirante-negro-e-o-enredo-do-tuiuti-para-o-carnaval-2024/>

Figura 54: capa da HQ Aya de yopougon



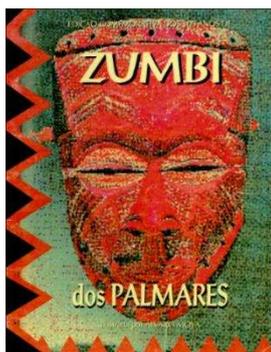
Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=645528&ID=926238

Figura 45: imagem da autora Marguerite Abouet



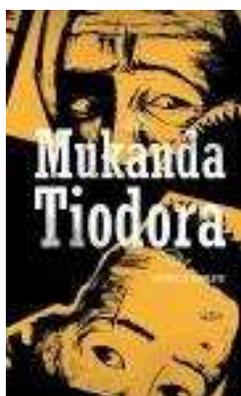
Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805135&SecaID=0&SubsecID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=845093

Figura 46: capa da HQ
Zumbi dos palmares



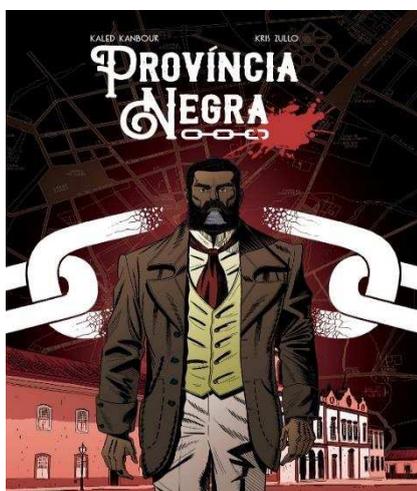
Disponível em
<https://rmirandas.wixsite.com/identidafrica/historias-em-quadrinhos>

Figura 48: capa da HQ
Mukanda Tiodora



Disponível em
<https://www.amazon.com.br/Mukanda-Tiodora-Marcelo-D'Saete/dp/8595711283>

Figura 50: Capa da HQ
A província negra



Disponível em
<https://universohq.com/noticias/provincia-negra-marca-estreia-de-editora-e-tera-lancamento-na-biblioteca-mario-de-andrade/#:~:text=O%20lan%C3%A7amento%20a%20contercer%C3%A1%20no%20pr%C3%B3ximo,%20C%20em%20S%C3%A3o%20Paulo%20FSP.>

Figura 47: Imagem do
autor Marcelo D'Saete



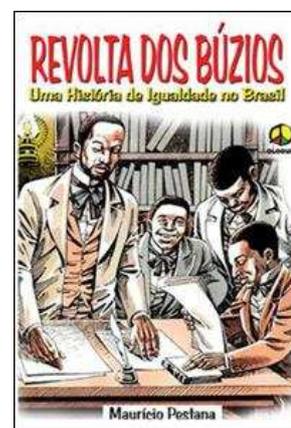
Disponível em
<http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoam/marcelo-dsaete>

Figura 49: Capa da HQ
encruzilhada



Disponível em
<https://www.amazon.com.br/Encruzilhada-Marcelo-D-Saete/dp/856313762X>

Figura 51: Capa da HQ
A Revolta de Búzios



Disponível em
<https://universohq.com/noticias/pestanda-lanca-album-em-quadrinhos-sobre-a-revolta-dos-buzios/>